

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**A Assexualidade e a Orientação Romântica: Estudo Comparativo entre o Grupo
Assexual Romântico e o Grupo Assexual Arromântico**

Ana Catarina Monteiro Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Social e das Organizações

Orientador:

David L. Rodrigues

Investigador Integrado

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Outubro, 2019

Agradecimentos

À minha família, pais, irmãos e avós. Em especial à minha mãe que nunca me deixou de apoiar e que me dá a mão desde o momento em que aprendi a andar. Ao meu pai, sem o qual isto não seria possível. Aos manos, os meus primeiros melhores amigos.

Aos meus amigos de sempre e que de sempre serão.

mreid, que sem me conhecer, me ajudou mais do que posso expressar.

Ao meu orientador, que nunca me deixou desistir, e sem o qual não teria realizado esta tese.

Obrigada pelos conselhos e sugestões.

Ao Petit, que não nos deixou sem antes nos ter ensinado o que é o amor incondicional.

Resumo

A assexualidade é uma área complexa que até recentemente não era alvo de estudo extensivo, menos ainda no que toca à distinção entre indivíduos assexuais românticos (que experienciam atração romântica) e indivíduos assexuais arromânticos (que não experienciam atração romântica). Foi conduzido um estudo online, com 447 participantes de diferentes comunidades assexuais (55 % sexo feminino; $M_{idade} = 24,77$, $DP = 7,21$), com o intuito de examinar como estes grupos se distinguem na sua identificação com a assexualidade, perspectivas e experiências sexuais e românticas, e preocupações com o compromisso e desempenho sexual. Os resultados mostraram que os indivíduos assexuais arromânticos indicaram maior identificação com o construto de assexualidade enquanto ausência de atração sexual, estilos de vinculação mais evitantes e maiores preocupações com o compromisso no contexto da relação. Por contraste, indivíduos assexuais românticos indicaram menor aversão ao sexo; maior experiência sexual atual e anterior; mais parceiros sexuais anteriores; maior frequência de relações românticas, maior motivação para estabelecer uma relação amorosa (com ou sem intimidade sexual) e mais preocupações com o seu desempenho sexual no contexto da relação. Regressões lineares evidenciaram uma associação de algumas das variáveis (e.g., estilo de vinculação ansioso) com as preocupações com o compromisso e com o desempenho sexual, em ambos os grupos. Este estudo permitiu a melhor compreensão das características dos grupos romântico e arromântico e, dessa forma, espera expandir o conhecimento da assexualidade e contribuir para a compreensão da mesma.

Palavras-chave: assexualidade, orientação romântica, relações românticas, sexualidade

Abstract

Asexuality is a complex subject which until recently was not studied extensively, and even less so in what comes to the distinction between romantic asexual individuals (who experience romantic attraction) and aromantic asexual individuals (who do not experience romantic attraction). An online study was carried out with 447 participants from different asexual communities (55,02% female; $M_{age} = 24,77$, $DP = 7,21$), with the objective of examining how these groups differ in their identification with asexuality, sexual and romantic perspectives and experiences, and concerns regarding commitment and sexual performance. Results showed that aromantic asexual individuals identified more with the asexuality construct as lack of sexual attraction; displayed avoidant attachment styles and bigger concerns with commitment, from a relationship context. In contrast, romantic asexual individuals displayed less sex aversion; more sexual experiences nowadays, as well as in the past; more previous sexual partners; increased frequency of romantic relationships; increased desire of engaging in a romantic relationship (either with or without sex) and more concerns with their sexual performance in a relationship context. Linear regressions showed an association between some of the variables (e.g., Anxious attachment style) and the concerns with commitment and sexual performance, in both groups. This study allowed a better understanding of the characteristics between the romantic and aromantic groups and, consequently, hopes to expand the knowledge about asexuality and contribute to a better understanding of it.

Keywords: asexuality, romantic orientation, romantic relationships, sexuality

Índice

Introdução _____	1
I. Enquadramento teórico _____	3
1.1. História do estudo da assexualidade no século XX _____	3
1.2. História do estudo da assexualidade no século XXI _____	4
1.3. Autoidentificação com a Assexualidade _____	5
1.4. Orientação Romântica _____	6
1.5. A Experiência em Relações Românticas e a Experiência Sexual _____	8
1.5.1. Experiência em Relações Românticas _____	8
1.5.2. Experiência Sexual _____	9
1.6. Estilos de Vinculação e Assexualidade _____	10
1.6.1. Vinculação e Assexualidade _____	12
1.6.1.1. Vinculação e atitudes relativas ao sexo _____	13
1.7. Presente estudo _____	14
II. Método _____	17
2.1. Participantes _____	17
2.2. Medidas _____	17
2.3. Procedimento _____	19
III. Resultados _____	21
3.1. Diferenças Demográficas entre Românticos e Arromânticos _____	21
3.2. Identificação com Assexualidade _____	22
3.3. Experiência Sexual e Perspetivas sobre a Sexualidade _____	23
3.4. Experiência Romântica Anterior e Perspetivas acerca das Relações Românticas _____	23
3.5. Assexualidade e Vinculação _____	24

3.6. Assexualidade e Preocupações. Relacionais _____	25
IV. Discussão e conclusão _____	29
4.1. Discussão _____	29
4.2. Pontos fortes, Limitações _____	41
4.3. Estudos futuros _____	43
4.4. Conclusão _____	45
Referências _____	46
Anexos _____	53

Índice de quadros

Quadro 3.1. Variáveis demográficas para os grupos arromântico e romântico_____	22
Quadro 3.2. Identificação dos grupos romântico e arromântico com cada conceito da escala de assexualidade de Yule, Brotto e Gorzalka (2015) _____	23
Quadro 3.3. Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com o compromisso no grupo romântico _____	26
Quadro 3.4. Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com o desempenho sexual no grupo romântico _____	26
Quadro 3.5. Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com o compromisso no grupo arromântico _____	27
Quadro 3.6. Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com a performance sexual no grupo arromântico _____	28
Quadro 4.1. Sumário dos resultados obtidos_____	41

Índice de figuras

Figura 1. Efeito de interação do grupo sobre o estilo de vinculação _____24

A última década tem sido marcada por um crescente interesse pelo estudo da assexualidade (e.g., Bogaert 2004, 2006, 2012; Prause & Graham, 2007; Brotto, Knudson, Inskip, Rhodes & Erskine, 2010; Poston & Baumle, 2010; Van Houdenhove, Gijs, T'Sjoen & Enzlin, 2014a; Yule, Brotto & Gorzalka, 2017; Zheng & Su, 2018). Ainda que as primeiras investigações tenham estudado a assexualidade através de um foco patológico e/ou como algo anormal (para revisão ver Van Houdenhove, Enzlin, & Gijs, 2017), recentemente a investigação tem adotado para um enquadramento mais positivo (Chasin, 2015).

Apesar da assexualidade ter sido ocasionalmente mencionada em investigações científicas (e.g., Kinsey, 1948, 1953; Storms, 1980), só em 2004 foi publicado o trabalho pioneiro de Bogaert. Neste trabalho, o autor concedeu visibilidade internacional à comunidade assexual e suscitou o interesse académico no estudo da assexualidade (Carrigan, 2011).

Também a formação das primeiras comunidades assexuais teve um importante contributo para a visibilidade da comunidade assexual, entre as quais se destaca a *The Asexual Visibility and Education Network* (AVEN). Esta rede define a assexualidade como a ausência de atração sexual por outros e, devido à popularidade do seu website, a mesma definição tem sido consideravelmente influente na comunidade assexual (Bogaert, 2015).

De encontro com a posição da AVEN, Bogaert (2004) propôs a definição de assexualidade enquanto ausência de atração sexual por outros indivíduos. Esta é a definição que reúne maior apoio empírico e tem acumulado um consenso crescente entre os investigadores como a definição mais precisa de assexualidade (Van Houdenhove et al., 2017), sendo adotada por muitos dos indivíduos que se identificam como assexuais (Brotto et al., 2010; Jones, Hayter & Jomeen, 2017; Van Houdenhove, Gijs, T'Sjoen, & Enzlin, 2015a).

Considerando que uma das características mais marcantes da comunidade assexual é a sua diversidade, Chasin (2011) e Carrigan (2011) referem que a definição de assexualidade como a ausência de atração sexual por outros é percebida como um termo generalista. Desta forma, tal definição não pode ser considerada uma descrição completa e minuciosa das atitudes e orientações prevalentes na comunidade assexual. Assim, a definição de assexualidade enquanto ausência de atração sexual exclui bastantes indivíduos que se identificam como assexuais (Carrigan, 2011; Yule et al., 2015).

Mais ainda, embora a definição de assexualidade promovida pela AVEN e avançada por Bogaert (2004) seja a mais consensual, a identificação com a mesma depende em última análise da preferência individual de cada um. Os indivíduos que se definem como assexuais podem

diferir significativamente nos seus níveis de desejo sexual e comportamento sexual e experiências pessoais. Como Scherrer (2008) e Carrigan (2011) observam, a maioria dos assexuais constrói a sua própria identificação como assexual, o que resulta num denso conjunto de termos que estão intrinsecamente ligados, os quais se referem a indivíduos que experienciam atração sexual sob circunstâncias específicas, a indivíduos que experienciam baixos níveis de atração sexual ou a indivíduos que não experienciam nenhuma atração.

Apesar destas diferenças na identificação, existiu uma tentativa recente de identificar as características centrais da assexualidade, tendo daí resultado uma escala que mede a identificação com o constructo, a *Asexuality Identification Scale* (AIS), desenvolvida por Yule, Brotto e Gorzalka (2015). Por exemplo, existe na comunidade assexual indivíduos que se identificam como demissexuais, os quais reconhecem sentir atração sexual após estabelecerem ligações emocionais com outros indivíduos. Para além dos demissexuais, existe igualmente na comunidade, indivíduos que se identificam como Gray-a, os quais pertencem ao espectro entre o sexual e o assexual, distinguindo-se dos restantes membros da comunidade assexual ao sentirem por vezes, baixos níveis de atração sexual.

Apesar do corpo crescente de estudos acerca da assexualidade, esta continua a ser uma das áreas sexuais menos compreendidas, estudadas e representadas (Cerankowski & Milks, 2010; Van Houdenhove et al., 2014). Por exemplo, a investigação carece de estudos que se foquem na forma como os indivíduos assexuais vivenciam as suas relações românticas. Tal é particularmente importante se consideramos que os indivíduos assexuais parecem conceder mais importância aos aspetos românticos de uma relação, comparativamente aos aspetos sexuais da mesma (Brotto et al., 2010). Por sua vez, esta vivência pode ser distinta para indivíduos assexuais que experienciam atração romântica (indivíduos assexuais românticos) e para os indivíduos que não experienciam atração romântica (indivíduos assexuais arromânticos) (Brotto et al., 2010; Van Houdenhove, Gijs, T'Sjoen & Enzlin, 2015ab). Esta distinção é particularmente importante se considerarmos que estes indivíduos apresentam atitudes distintas em relação aos relacionamentos - enquanto que os assexuais românticos estão interessados em encontrar um parceiro, os assexuais arromânticos evitam ligações românticas (Scherrer, 2008; Carrigan, 2011).

Ainda que alguns autores reconheçam a importância que a comunidade assexual atribui à distinção entre indivíduos arromânticos e indivíduos românticos (e.g., Scherrer, 2008, Carrigan, 2011; Carrigan, Gupta & Morrison, 2013), a maioria das investigações não explora as

diferenças entre grupos no que respeita a sexualidade e relações românticas. A partir da ideia que indivíduos românticos e arromânticos poderão ser grupos com características, necessidades distintas e dificuldades específicas (Van Houdenhove et al., 2014), o presente estudo pretende explorar diferenças entre estes grupos no que respeita a identificação com o construto de assexualidade, perspetivas acerca da sexualidade e experiência sexual, perspetivas e experiência em relações românticas. A possibilidade de a assexualidade estar associada a modelos de vinculação específicos é também explorada (Brotto et al., 2010).

Por fim, considerando que a investigação tem demonstrado que indivíduos assexuais têm mais dificuldade em estabelecer relações românticas quando o parceiro é sexual, para quem a atividade sexual é uma parte importante da expressão de intimidade (Van Houdenhove et al., 2014; Haefner, 2011), pretendemos explorar se indivíduos românticos e arromânticos diferem nas suas preocupações com a relação amorosa. Desta forma, iremos analisar as preocupações com o compromisso e com o desempenho sexual, assim como, as variáveis associadas às preocupações relacionais e sexuais de cada um dos grupos.

I. Enquadramento Teórico

1.1. História do estudo da assexualidade no Século XX

No século XX, as menções à assexualidade não só eram raras, como eram escassos os estudos que tinham como objetivo a compreender. Entre os estudos que mencionam a assexualidade, destacam-se os de Kinsey, Pomeroy e Martin (1948), Kinsey, Pomeroy, Martin e Gebhard (1953), Johnson (1977), Storms (1979, 1980), Nurius (1983), Masters, Johnson e Kolodny (1986), e Berkey, Perelman-Hall e Kurdek (1990).

Kinsey, Pomeroy e Martin (1948), após terem verificado que nem todos os indivíduos podiam ser situados na *Heterosexual–Homosexual Rating Scale*, comumente denominada de escala de Kinsey, estabeleceram a categoria X, correspondente a indivíduos sem “contatos ou reações sócio-sexuais” (Kinsey, Pomeroy, Martin, 1948, p. 407). Nesta categoria foram classificados 3-4% dos homens não casados e nenhum homem casado. No estudo posterior, acerca da sexualidade da mulher, Kinsey Gebhard Pomeroy e Martin (1953), descreveram os indivíduos pertencentes à categoria X como “indivíduos que não respondem eroticamente a estímulos heterossexuais e homossexuais e que não têm contatos físicos explícitos com indivíduos de ambos os sexos com evidência de qualquer tipo de resposta” (Kinsey Gebhard Pomeroy & Martin, p. 472). Nesta categoria foram classificadas 14-19% das mulheres não

casadas, assim como 1-3% das mulheres entre os 20 e os 35 anos casadas, e 5-8% das mulheres previamente casadas.

Johnson (1977) publicou um dos primeiros artigos científicos acerca da assexualidade, descrevendo-a como a ausência completa de desejo sexual. A autora designou de “autoeróticos” os indivíduos que experienciam desejo sexual, mas que não desejam satisfazê-lo com outros. Mais tarde, Storms (1979, 1980) adaptou o modelo bidimensional da orientação sexual de Kinsey, tendo sido o primeiro autor a enquadrar teoricamente a assexualidade como uma orientação sexual. Apesar disto, nenhum destes autores explorou a assexualidade em maior detalhe, limitando-se a reconhecer a sua existência (Przybylo, 2012).

Desde o estudo de Kinsey (1948) até ao movimento moderno da identidade assexual, a assexualidade foi patologizada, desvalorizada e invalidada pelas abordagens convencionais da sexualidade humana. Durante o período que antecede os anos 2000, o debate em torno da falta de desejo sexual encontrava-se geralmente presente num discurso patológico. A patologização da assexualidade aconteceu sobretudo através da sua associação ao distúrbio da aversão sexual e ao distúrbio do desejo sexual hipoativo (Brotto et al., 2010; Prause & Graham, 2007), definido pelo DSM-4, Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- 4ª edição (American Psychiatric Association, 2000) como o défice ou a ausência de fantasias sexuais e de desejo de atividade sexual, causando sofrimento clinicamente significativo ou dificuldades interpessoais para o indivíduo.

1.2. História do estudo da assexualidade no Século XXI

A investigação mais sistemática acerca da assexualidade iniciou-se com a publicação do trabalho seminal de Bogaert (2004), três anos após a formação de comunidades online de assexuais (e.g., Asexual Visibility and Education Network – AVEN), o qual definiu um assexual como alguém que não experiencia atração sexual.

Bogaert (2006) e mais tarde Van Houdenhove e colaboradores (2014), realçam que alguns investigadores utilizam incorretamente a designação de desejo sexual como equivalente a atração sexual. Alguns estudos indicam que a ausência de atração sexual não significa a ausência de desejo sexual. Por exemplo, Prause e Graham (2007) verificaram que alguns indivíduos assexuais se envolvem em atividades sexuais e experienciam níveis mais baixo de desejo sexual, comparativamente aos indivíduos sexuais. Além disso, a ausência de atração sexual corresponde à falta ou perda do desejo sexual em relação aos outros (i.e., desejo sexual

diádico), mas não ao desejo sexual em relação a si mesmo (i.e., desejo sexual solitário; Brotto & Yule, 2011; Prause & Graham, 2007).

1.3. Autoidentificação com a Assexualidade

A definição de assexualidade está amplamente ligada às comunidades de assexuais na internet, especialmente a AVEN. Formada com o intuito de ser uma rede inclusiva para todos os indivíduos que se autoidentificam como assexuais (Yule et al., 2015), a sua criação foi possivelmente responsável pelo aumento do interesse pela assexualidade (Van Houdenhove et al., 2014). Para tal, terá contribuído o facto de os seus membros favorecem a colaboração com os investigadores que desejem realizar estudos científicos sobre a assexualidade (Brotto et al., 2010).

Embora muitos dos assexuais se identifiquem com a definição da assexualidade enquanto a ausência de atração sexual por outros, a mesma pode ser interpretada apenas como um ponto comum de identificação e não como uma descrição exaustiva das atitudes e orientações prevalentes entre os assexuais (Carrigan, 2011). Da mesma forma que existem vários processos de autoidentificação com a assexualidade, existe entre os indivíduos assexuais uma variedade de experiências relativas à atração sexual, à atração romântica e ao comportamento sexual (Yule, et al., 2017). Yule e colaboradores (2015) exploraram esta ideia criando um questionário simples, capaz de distinguir entre indivíduos assexuais e sexuais, a AIS. Este questionário mede a identificação com a assexualidade, aceite pelos seus autores como a ausência da atração sexual (Yule et al., 2015). Embora o objetivo original da escala fosse o de criar uma medida que diferenciasse entre indivíduos assexuais e sexuais, os seus autores reconhecem a assexualidade como um construto contínuo e a consequente possibilidade de utilizar a escala de modo a explorar aspetos relacionados com a assexualidade. De acordo com esta possibilidade, o estudo de Yule, Brotto e Gorzalka (2017) verificou que os indivíduos assexuais identificados através das pontuações obtidas na AIS que se envolviam em fantasias sexuais ou em atos masturbatórios obtiveram pontuações diferentes nesta escala, o que levou os autores a sugerir a existência de diferentes subgrupos de assexuais.

Hinderliter (2009b; 2009c) afirma que no contexto de uma comunidade construída em torno da formação de uma identidade coletiva como é o caso da AVEN, a definição de assexual como alguém que não experiencia atração sexual por outros, tinha como objetivo permitir que os seus membros cumprissem o objetivo de alcançar visibilidade. Assim, o que parece uma autoidentificação convergente pode, no entanto, ter significados bastante diferentes para os

diferentes indivíduos assexuais. Por exemplo, no seu trabalho posterior, Bogaert (2006), acrescenta que alguns indivíduos assexuais experienciam momentos de desejo sexual, excitação e/ou gostam de ocasionalmente participar em comportamentos sexuais. Como tal, a assexualidade parece não se caracterizar pela ausência total de desejo sexual, mas sim pela experiência de tal desejo em menor grau, por comparação a pessoas que não se autoidentificam com assexuais.

1.4. Orientação Romântica

A atração romântica pode ser definida como o desejo por uma relação, usualmente com uma pessoa em particular, e é caracterizada por sentimentos de afeto e de vinculação emocional (Diamond, 2003). Em contraste, a atração sexual refere-se ao que é sexual, sensual e erótico, à luxúria e ao desejo. Embora exista a tendência para considerar que uma forma de atração reflete ou implica a outra, estas são formas distintas de atração (Diamond, 2003). Por exemplo, a ausência de atração sexual não é sinónimo de ausência de atração romântica (Bogaert, 2012; Lehmler, 2017) e alguns autores têm sugerido que indivíduos assexuais não são necessariamente arromânticos (e.g., Bogaert, 2004, 2006; Hinderliter, 2009a, 2009b, 2009c; Carrigan, 2011). De facto, os resultados do Censos 2016 publicado pela AVEN indica que apenas 29,5% dos indivíduos (numa amostra de 9327 indivíduos) se identificaram como arromânticos (Bauer et al., 2018).

No estudo de Scherrer (2008) verificou-se que a maioria dos participantes descreveu a sua sexualidade também através da identidade romântica ou a identidade arromântica. Por exemplo, uma participante que se autoidentificou como birromântica (i.e., sente atração romântica por pessoas de ambos os sexos), explicando que o sexo biológico não determina o alvo da sua atração romântica, uma vez que a atração sexual não é um fator nas suas relações íntimas. A participante acrescenta que se sente atraída pela personalidade de alguém e essa é a base das suas ligações amorosas. De notar que muitas das relações amorosas formadas por indivíduos assexuais assentam num acordo monogâmico, à semelhança das relações amorosas típicas entre indivíduos sexuais (Scherrer, 2008). Neste sentido, Hinderliter (2009a) observou a importância da dimensão romântica, sugerindo que alguns indivíduos assexuais poderiam indicar a sua orientação romântica (por exemplo, homorromântico assexual), nos casos onde a pergunta não especifica quanto ao tipo de orientação (orientação sexual ou orientação romântica) ou quando identificar-se como assexual não captura completamente a sua sexualidade.

Além disso, no estudo de Brotto e colaboradores (2010) verificou-se que a maioria dos indivíduos em relações descreveu a sua relação com base na dimensão romântica (e.g., relação heteromântica), em detrimento da sexual (e.g., relação heterossexual), sugerindo que o elemento romântico é uma característica importante na seleção de um parceiro, nos limites de uma relação e na identificação. Neste mesmo estudo, os autores verificaram que muitos dos indivíduos assexuais procuram o companheirismo e a intimidade emocional numa relação íntima, sem experienciar atração sexual. De acordo com Hinderliter (2009a, 2009b), parte da razão pela qual a assexualidade é definida como ausência de atração sexual é permitir destacar outros tipos de atração (e.g., atração romântica). Este reconhecimento permitiu a formação de novas categorias de relações íntimas que não têm a atração sexual como pré-requisito.

Igualmente importante, no caso de estabelecerem uma relação amorosa com um parceiro sexual, os indivíduos assexuais poderão inclusivamente ficar motivados a se envolverem em atividades sexuais (Van Houdenhove et al., 2014). Por exemplo, os indivíduos que se identificam como demissexuais poderão manifestar maior motivação em se envolverem sexualmente com um parceiro por quem se sentem atraídos sexualmente, como resultado da sua atração romântica. No entanto, os assexuais poderão estar motivados para se envolverem em atividades sexual por quererem agradar ao parceiro ou por sentirem um certo dever de obrigação (Van Houdenhove et al., 2014). Por exemplo, Prause e Graham (2007) e Brotto e colaboradores (2010) verificaram que os indivíduos assexuais frequentemente consentiam em atividades sexuais apenas para agradar ao parceiro. Da mesma forma, Carrigan (2011) verificou no seu estudo que alguns dos indivíduos demonstravam-se motivados para se envolver sexualmente no caso de estabelecerem uma relação de compromisso com um indivíduo sexual. Para outros tratava-se apenas de uma possibilidade.

Ao contrário do que acontece com indivíduos sexuais, o envolvimento de indivíduos assexuais em relações sexuais não os fez sentirem-se emocionalmente mais próximos do seu parceiro (Prause & Graham, 2007; Brotto et al., 2010). De facto, o estudo de Brotto e colaboradores (2010) mostrou que alguns dos participantes revelaram a necessidade de se focarem em pensamentos não relacionados com a atividade sexual, levando-os a experienciarem estimulação sexual desprovida de intimidade emocional.

Ainda mais, os assexuais podem estar motivados para estabelecer relacionamentos amorosos, embora tal esteja restrito aos indivíduos que experienciam atração romântica. Tal como Brotto e colaboradores (2010) e Carrigan (2011) sugerem, alguns indivíduos românticos

procuram relações românticas, ou pelo menos mostram-se abertos a essa possibilidade, porque consideram desejáveis certos aspetos que daí decorrem (e.g., proximidade, companheirismo, conexão intelectual e emocional). Tal como verificado no estudo Scherrer (2008), alguns assexuais românticos descreveram a sua relação ideal como envolvendo intimidade física não sexual (e.g., beijos, abraços). Por contraste, indivíduos arromânticos não experienciam atração romântica e rejeitam ativamente a possibilidade de uma relação romântica, possivelmente por falta de interesse em estabelecerem uma relação. De facto, Scherrer (2008) verificou que os indivíduos assexuais arromânticos descreviam a sua relação ideal como não envolvendo qualquer tipo de intimidade física, assemelhando-se a uma amizade.

Apesar desta importante diferenciação, são escassas as investigações que explorem o significado da orientação romântica num relacionamento assexual. Por exemplo, Van Houdenhove e colaboradores (2015b) verificaram que alguns dos seus participantes indicaram que amor e sexo são incompatíveis e que o envolvimento em relacionamentos sexuais diminui os sentimentos românticos pelos seus parceiros. Contudo, não analisaram estas respostas tendo em consideração a orientação romântica dos participantes.

1.5. A Experiência em Relações Românticas e a Experiência Sexual

1.5.1. Experiência em Relações Românticas. Decorrente das diferentes motivações relacionais de indivíduos assexuais românticos e arromânticos, bem como do facto das investigações habitualmente não considerarem esta diferenciação (Carrigan, 2011), não é de estranhar que a prevalência de indivíduos assexuais em relações seja inconsistente na literatura (e.g., Bogaert, 2004; Brotto et al., 2010; Brotto & Yule, 2011; Prause & Graham, 2007). Por exemplo, Bogaert (2004) verificou que 33,3% da sua amostra de 195 indivíduos assexuais estava ou tinha estado em relacionamentos duradouros. Já Brotto e colaboradores (2010) verificaram que esta incidência foi de 66,6% numa amostra 187 indivíduos assexuais. Um estudo qualitativo realizado por Gupta (2017), com uma amostra de 30 indivíduos assexuais, revelou que embora apenas quatro participantes estivessem em relações, dois terços dos participantes queriam encontrar um parceiro romântico. Resultados semelhantes foram obtidos nos estudos realizados por Carrigan (2011), Chasin (2015) e Scherrer (2010b), nos quais a maioria dos participantes não se encontrava numa relação, mas tinha estado anteriormente em relações e manifestou o interesse em ter uma relação no futuro. Estes resultados sugerem que, apesar de alguns estudos apresentarem uma baixa incidência de relações amorosas entre indivíduos assexuais, tal não se deve necessariamente à falta de

motivação em estabelecer tais relações (Brotto et al. 2010; Scott, McDonnel, & Dawson, 2016).

São escassos os estudos que exploram a aparente inconsistência entre a reduzida probabilidade de os indivíduos assexuais terem uma relação romântica e a motivação expressa por alguns destes indivíduos em que tal aconteça. Possivelmente, alguns destes indivíduos podem sentir que uma relação romântica é algo inatingível (Scherrer, 2010b). Se indivíduos assexuais não se envolvem em atos sexuais com um futuro parceiro (Carrigan, 2012), existe um entrave ao desenvolvimento da relação dado que a intimidade sexual é considerada como um progresso natural da mesma (Willetts, Sprecher, & Beck, 2004). Outro possível entrave a uma relação amorosa é o receio sobre a possível reação do parceiro à questão da (a)sexualidade. De facto, Haefner (2011) verificou que para a maioria dos indivíduos assexuais, confidenciar a assexualidade ao parceiro amoroso conduziu ao término da relação.

1.5.2. Experiência Sexual. Tal como no caso da prevalência das relações amorosas, vários estudos têm documentado a heterogeneidade do comportamento sexual dos indivíduos assexuais (Prause & Graham, 2007; Brotto et al., 2010, Aicken, Mercer & Cassell, 2013; Van Houdenhove et al., 2015a). Por exemplo, investigações anteriores revelam que 27 - 43% dos indivíduos assexuais já se envolveram em atividade sexuais diádicas (Aicken et al., 2013; Brotto et al., 2010). Se considerarmos que os indivíduos românticos estão mais motivados para estabelecer relações amorosas do que os indivíduos arromânticos Carrigan (2011), é possível também que indivíduos românticos sejam sexualmente mais ativos do que indivíduos arromânticos.

Como anteriormente observado, alguns indivíduos assexuais mostram-se dispostos a envolver-se consensualmente em relações sexuais indesejáveis, o que é frequentemente explicado pela vontade em agradar o parceiro romântico e não pela experiência de atração sexual (Brotto et al., 2010; Van Houdenhove et al, 2014). No entanto, Carrigan (2011) verificou que o ato sexual pode ser uma forma de ligação voluntária ao parceiro (i.e., não o fazem exclusivamente pela vontade unilateral do parceiro), uma forma de obter prazer a partir da intimidade sexual ou ainda, mostrar ao parceiro que é amado

1.6. Estilos de Vinculação e Assexualidade

Embora o entendimento sobre a assexualidade esteja a crescer, ainda não existem ideias claras acerca de como pode ser explicada, nem a etiologia que lhe é subjacente (Van Houdenhove et al., 2014). Apesar disto, o modelo teórico proposto por Brotto e colaboradores (2010) sugere que a assexualidade poderá estar relacionada a modelos de vinculação específicos. Segundo os autores, os assexuais evitam envolver-se em relacionamentos de proximidade, por perspetivarem-nos como estranhos e desconfortáveis.

A teoria da vinculação pretende explicar como as relações íntimas se formam e mantêm, bem como explicar de que modo as próprias relações influenciam os indivíduos nelas envolvidas (Bretherton, 1992). Originalmente formulada por Bowlby (1979) e posteriormente desenvolvida por Ainsworth e colaboradores (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978), é considerada uma das mais importantes perspetivas teóricas no estudo das relações íntimas (Simpson, Rholes & Philips, 1996). Segundo Bowlby (1982), a vinculação corresponde a uma ligação emocional duradoura, central para o desenvolvimento psicológico, garantindo a sobrevivência e adaptação. De acordo com esta teoria, as experiências com figuras significativas na infância (pais ou cuidadores primários) conduzem à formação de modelos dinâmicos internos acerca do próprio e acerca destas figuras significativas. Uma vez formados, esses modelos influenciam o desenvolvimento da personalidade e servem como guião para o comportamento social. Estes modelos são adaptáveis, sendo reconstruídos à medida que os indivíduos se envolvem em relações amorosas (Hazan & Shaver, 1987; Simpson & Rholes, 2017), apresentando uma tendência para se tornarem cada vez mais estáveis ao longo da vida (Bretherton, 1985). Os modelos exercem um impacto nas relações dos adolescentes e adultos, verificando-se padrões de vinculação em adultos semelhantes aos observados em crianças (Ainsworth, 1985; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Kobak & Hazan, 1991; Kobak & Sceery, 1988; Main & Cassidy, 1985; Simpson, 1990).

A abordagem da teoria da vinculação às relações românticas de adultos foi mais proeminente desenvolvida por Shaver e Hazan (Shaver & Hazan, 1987; Shaver & Hazan, 1988). Estes autores apresentaram evidências empíricas da relevância do estilo de vinculação ao amor romântico. Ao investigarem a relação entre o estilo de vinculação e diferentes aspetos de relações na infância e na idade adulta, verificando-se que a prevalência dos diferentes estilos de vinculação em adultos é semelhante à encontrada em crianças. Para além disso, indivíduos

com diferentes estilos de vinculação diferiram nas suas experiências românticas (Shaver & Hazan, 1987).

A maioria dos estudos indicam que a insegurança na vinculação pode ser avaliada segundo duas dimensões independentes na idade adulta – o evitamento e a ansiedade. A primeira dimensão é definida pelo desconforto com a intimidade psicológica e o desejo em manter uma independência psicológica, mesmo em relações próximas. A segunda dimensão (também denominada de ambivalência) é definida pela forte necessidade de cuidado e atenção por parte das figuras de vinculação, envolvendo uma incerteza profunda e generalizada sobre a capacidade/vontade de resposta (Brennan, Clark & Shaver, 1998; Mikulincer & Shaver, 2012; Simpson & Rholes, 2017).

A ausência das dimensões de evitamento e ansiedade, indicam uma conexão segura prototípica. Os relacionamentos de indivíduos com estilos de vinculação inseguros tendem a ser longos, estáveis e satisfatórios, caracterizados pela confiança, intimidade, carinho, apoio e coesão (e.g., Hazan & Shaver, 1987; Kirkpatrick & Davis, 1994; Mikulincer & Florian, 1999; Simpson, 1990). Por contraste, indivíduos com estilos inseguros de vinculação, consideram que os seus parceiros não estão emocionalmente disponíveis em momentos de dificuldade, o que os leva a sentirem-se inseguros e a experienciar dúvidas acerca da relação. De modo a lidar com estas inseguranças, podem adotar estratégias defensivas, denominadas de estratégias de desativação, prevalentes em estilos de vinculação evitantes e estratégias de hiperativação, prevalentes em estilos de vinculação ansiosos. Estas estratégias estão subjacentes a muitos dos fenómenos associados aos estilos de vinculação, incluindo os padrões sistemáticos de expectativas, emoções e comportamentos relacionais, resultantes das histórias individuais de vinculação (Fraley & Shaver, 2000; Mikulincer & Shaver, 2003).

Em particular, as estratégias de desativação, sustentadas pelo medo da intimidade dos indivíduos com estilos de vinculação mais evitantes, são caracterizadas pelas tentativas de maximizar a distância emocional e a independência psicológica às figuras de vinculação, procurando a autonomia e controlo. Desta forma, indivíduos com estilos de vinculação mais evitantes tendem a evitar e/ou a afastar-se da proximidade e intimidade nos relacionamentos (Main, 1990; Mikulincer & Shaver, 2003). Estes indivíduos têm menores probabilidades de se apaixonarem e menor interesse em se envolver em relações de longa duração (Hatfield, Brinton, & Cornelius, 1989; Shaver & Brennan, 1992). Tendem a estabelecer relações românticas pouco estáveis, caracterizadas pelo medo de intimidade e por baixos níveis de envolvimento emocional,

de confiança, coesão e também de satisfação com a relação (e.g., Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Kirkpatrick & Davis, 1994; Mikulincer & Florian, 1999; Shaver & Brennan, 1992).

Por sua vez, as estratégias de hiperativação, sustentadas pelo medo que as figuras de vinculação os abandonem dos indivíduos com estilos de vinculação mais ansiosos, envolvem respostas com o objetivo de obter o apoio e a atenção do parceiro romântico (figura de vinculação), o qual é percebido como não suficientemente disponível e responsivo. Desta forma, os indivíduos com estilos de vinculação mais ansiosos demonstram uma excessiva preocupação com a rejeição e perda do parceiro, assim como, preocupações com o nível de compromisso do parceiro (Simpson, et al., 1996). Tendem a estabelecer relações românticas caracterizadas por sentimentos de obsessão, raiva, ciúmes, padrões intrusivos e controladores dos comportamentos relacionais, assim como, pela necessidade de proximidade excessiva, preocupações com a rejeição e abandono (e.g., Collins & Read, 1990; Hatfield et al. 1989; Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer, Orbach, & Iavnieli, 1998). As exigências de segurança, combinadas com as frequentes demonstrações de desconfiança e raiva, podem levar a que o parceiro romântico rejeite as tentativas de aproximação, o que por sua vez pode intensificar as inseguranças dos indivíduos com estilos de vinculação mais ansiosos, o que pode exacerbar os conflitos relacionais (Downey, Freitas, Michaelis & Khouri, 1998; Mikulincer e Shaver, 2003).

1.6.1. Vinculação e sexualidade. Algumas investigações mostraram a associação de estilos de vinculação com o funcionamento sexual (e.g., Davis, Shaver, & Vernon, 2004). A atividade sexual poderá criar desconforto físico e psicológico para indivíduos com estilo de vinculação evitante, que, como já previamente mencionado, procuram distanciar-se física e emocionalmente dos seus parceiros. Consequentemente, poderão abster-se de atividade sexual (Kalichman et al., 1993; Tracy, Shaver, Albino & Cooper, 2003) ou envolver-se em relações sexuais desprovidas de intimidade emocional, no contexto de relações casuais e de curto prazo (e.g., Brennan & Shaver, 1995; Gentzler & Kerns, 2004). São menos propensos a desfrutar de atividades preliminares (e.g., abraços, beijos) e é mais provável que respondam favoravelmente a casos de uma noite (Schachner & Shaver, 2002). No geral, pessoas com altos níveis de evitamento podem usar o sexo para maximizar o controlo e distância, mesmo nas interações mais íntimas.

A abordagem dos indivíduos com estilos de vinculação ansioso às atividades sexuais reflete a tentativa em cumprir as necessidades de segurança e amor não cumpridas. Estes indivíduos

relatam o uso do sexo como um meio para alcançar intimidade emocional, aprovação e segurança relacional; suscitar cuidados e a atenção por parte do parceiro e para acalmar a raiva do parceiro (Davis et al., 2004; Schachner & Shaver, 2004). No entanto, as expectativas relacionais não cumpridas, quando combinadas com a preocupação à reação do parceiro, tornam mais provável que as interações sexuais sejam decepcionantes e insatisfatórias (Brennan, Wu, & Loev, 1998)

Mark, Vowels e Murray (2017) observaram que indivíduos com um estilo de vinculação evitante tendem a evitar a intimidade, a retrair-se emocionalmente e desejam não depender de outros, incluindo em questões sexuais. Por outro lado, indivíduos com estilo de vinculação ansioso tendem a sentir-se inseguros acerca do seu valor e a procurar garantias do mesmo, mas também têm maior probabilidade de se preocupar com suas próprias necessidades do que com as necessidades do seu parceiro. Indivíduos com um estilo de vinculação ansioso têm maior probabilidade em consentir no envolvimento sexual quando não querem, levando a uma menor satisfação sexual. Os autores concluíram que o estilo de vinculação aparenta ser um importante factor contribuinte para a satisfação sexual e com a relação relacional. No geral, os autores verificaram que os estilos de vinculação inseguros estavam associados a uma menor satisfação sexual, pelo que deveria estar também associado a menor desejo sexual. De facto, os indivíduos evitantes em relações podem recorrer mais à masturbação e à pornografia, num esforço para evitar a intimidade e serem autossuficientes, o que pode diminuir o desejo sexual pelo parceiro. Por sua vez, indivíduos com estilo de vinculação mais ansiosos podem ter dificuldades em satisfazer as necessidades do outro e não as próprias. No entanto, a preocupação em sentir-se aceite pode criar uma maior necessidade de agradar os parceiros, considerando-os sexualmente atraentes, de modo a satisfazerem as suas próprias necessidades de validação e aceitação.

No campo do estudo da assexualidade, Brotto e colaboradores (2010) demonstraram que indivíduos assexuais apresentam valores mais elevados de inibição social e de distanciamento em medidas de personalidade. Tal resultado levou os autores a considerar que indivíduos assexuais poderão ter desenvolvido estilos de vinculação evitantes na infância, o que mais tarde pode ter originado um modelo de vinculação insegura e a problemas no desenvolvimento de relações íntimas.

1.6.1.1. Vinculação e atitudes relativas ao sexo. Possivelmente associado à orientação romântica e ao estilo de vinculação, indivíduos assexuais diferem nas suas atitudes em relação ao sexo (Carrigan et al., 2013). Os assexuais reconhecem que o seu parceiro sexual gosta e

deseja intimidade sexual e estão geralmente dispostos a envolver-se nessa intimidade, quando incitada pelo parceiro (Van Houdenhove et al., 2015b). Os indivíduos assexuais avessos a sexo (*sex-averse*), experienciam dificuldades em estabelecer relações íntimas sexuais, dado que a ideia de sexo (bem como a sua prática), lhes é profundamente problemática. Por outro lado, indivíduos que não sejam *sex-averse*, mostram-se provavelmente indiferentes a um envolvimento sexual com os seus possíveis parceiros (Carrigan, 2011). Os indivíduos assexuais que têm uma posição neutra em relação ao sexo (*sex-neutral*), não têm interesse em sexo, mas não têm problema com a ideia de se envolverem em relações sexuais. Já os indivíduos assexuais que têm uma posição positiva em relação ao sexo (*sex-positive*), conceitualizam o sexo como algo positivo e saudável, demonstrando um interesse positivo pelo mesmo. Ainda assim, é pouco provável que os indivíduos assexuais iniciem a intimidade sexual (Van Houdenhove et al., 2015b).

Os subgrupos *sex-neutral* e *sex-averse* são os mais comumente encontrados, o que pode explicar o porquê de indivíduos assexuais classificarem as suas relações com base nos seus aspetos românticos (Carrigan, 2012). Contudo, não é claro se indivíduos *sex-positive* e *sex-neutral* são mais ou menos predispostos a estar em relações românticas, quando comparados a indivíduos *sex-averse*. Se de facto existe uma diferença, a mesma pode explicar a variação encontrada na frequência de relações românticas indicadas nos diferentes estudos. Alternativamente, a aversão ao sexo pode ser distinta para indivíduos românticos e indivíduos arromânticos, sendo que os primeiros deverão ser menos avessos e mais permissivos a se envolverem em relações sexuais, mesmo que não o desejem.

1.7. Presente Estudo

Devido à complexidade que acompanha o estudo da assexualidade, assim como a inerente falta de estudos que comparem indivíduos assexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos, o presente estudo pretende comparar as respostas destes dois grupos, de modo a examinar se existem diferenças entre ambos e ainda, perceber quais podem ser essas diferenças. Apesar de alguns autores reconhecerem a importância que a comunidade assexual atribuí à distinção entre indivíduos arromânticos e indivíduos românticos (e.g., Scherrer, 2008, Carrigan, et al., 2013), a maioria das investigações não diferencia entre os grupos. Tal não só pode gerar o enviesamento dos dados, como também elimina a possibilidade da melhor compreensão da assexualidade e da sua heterogeneidade.

Para os indivíduos arromânticos, a ausência da atração sexual e da atração romântica, pode dificultar ainda mais as relações românticas, até porque como Scherrer (2008) e Carrigan (2011) referem, um indivíduo arromântico comumente não procura uma relação romântica tradicionalmente definida, caracterizando a sua relação ideal como semelhante a uma amizade. Por outro lado, a atração romântica poderá ter um papel preponderante nas relações dos indivíduos românticos assexuais, ao promover a aproximação a outros pelos quais se sentem romanticamente atraídos.

Neste sentido, criou-se um estudo correlacional, junto de uma amostra de indivíduos que se autoidentificam como assexuais, as quais pertencem a diferentes grupos da comunidade internacional assexual, com o objetivo de explorar se orientação relacional e a experiência de atração romântica estão associadas a variáveis individuais (e.g., vinculação) e diádicas (e.g., motivação para estar numa relação sem relações sexuais). Mais concretamente, explorámos a relação entre o construto de assexualidade e a orientação romântica, por forma a perceber se indivíduos autoidentificados como assexuais românticos ou assexuais arromânticos se diferenciam na sua identificação com a assexualidade. Por outras palavras, pretendemos perceber se algum dos grupos era mais prototípico do constructo de assexualidade, tal como medido pelo AIS (Yule et al., 2015). Considerando que indivíduos arromânticos não desejam ligações próximas com intimidade, distanciam-se da cultura popular sexualizada e têm menor probabilidade de se envolverem sexualmente com outros, por comparação aos indivíduos românticos (MacNeela & Murphy, 2015), esperamos que tenham também uma maior identificação com o construto de assexualidade (H1).

No que se refere ao comportamento sexual, indivíduos assexuais podem ter três atitudes em relação ao sexo – aversiva, indiferente ou positiva –, que por sua vez têm um papel sobre a experiência da sexualidade e a vivência das relações. Neste sentido, considerando que a atitude aversiva tem menores probabilidades de estar associada ao início de atividades sexuais (Carrigan, 2011; Van Houdenhove et al., 2015b) e que por isso, poderá ser mais determinante para a diferenciação entre os grupos romântico e arromântico, analisámos se os indivíduos assexuais destes dois grupos diferem na atitude aversiva. Embora alguns indivíduos assexuais românticos procurem ativamente relações, a maioria dos indivíduos assexuais arromânticos não se encontra motivado para procurar relações, o que em alguns casos se pode atribuir à falta de interesse e à preferência em manter amizades próximas (Carrigan, 2011; Scherrer, 2008). O facto de indivíduos românticos manifestarem maior vontade em procurar relações românticas, pode levar a que estes estejam mais dispostos a se envolver sexualmente com um parceiro, por

exemplo por o querer agradar. Como tal, esperamos que indivíduos românticos sejam menos avessos a sexo, quando comparados com indivíduos arromânticos (H2).

No mesmo sentido, explorámos se ambos os grupos diferiam em termos de experiência sexual prévia. Especificamente, esperávamos que indivíduos românticos (vs. arromânticos) indicassem maior experiência sexual atual (H3) e maior experiência sexual anterior (H4), assim como, mais parceiros sexuais anteriores (H5).

Ainda que estudos focados na associação entre assexualidade e vinculação sejam escassos, Brotto e colaboradores (2010) sugeriram que a assexualidade poderá estar relacionada com um modelo de vinculação evitante. Porém, a orientação romântica tem um papel importante na motivação para estabelecer relações amorosas. Assim, esperávamos que indivíduos arromânticos tivessem um estilo de vinculação mais evitante do que indivíduos românticos (H6a), enquanto que não se esperavam diferenças ao nível da vinculação ansiosa (H6b).

Explorámos também se ambos os grupos diferiam em termos de experiência romântica anterior e na motivação para estabelecer uma relação romântica. Especificamente, esperávamos que indivíduos românticos (vs. arromânticos) indicassem ter tido mais frequentemente relações românticas (H7), assim como, maior motivação para estabelecer uma relação amorosa, seja com intimidade sexual (H8) ou sem tal intimidade (H9).

As dificuldades em estabelecer relações por parte dos assexuais poderão estar relacionadas com preocupações com as mesmas. Decorrente das suas preocupações relacionais, esperávamos que indivíduos românticos tivessem mais preocupações com o compromisso relacional (H10a) e com o seu desempenho sexual na relação (H10b), comparativamente a indivíduos arromânticos. Por fim, explorámos em que medida todas estas variáveis individuais (e.g., vinculação) e relacionais (e.g., existência prévia de parceiros sexuais) ajudam a explicar as preocupações com o compromisso e com o desempenho sexual expresso por indivíduos sexuais românticos e arromânticos.

II. Método

2.1. Participantes

Um total de 635 indivíduos iniciaram o questionário online. Destes, 458 participantes finalizaram o questionário. Com base na resposta à questão que permitiu classificar os indivíduos como românticos e arromânticos, foram retidos 447 participantes na amostra final. Os participantes apresentaram idades compreendidas entre os 18 e os 61 anos de idade ($M = 24,77$, $DP = 7,21$). Relativamente ao sexo biológico, a maioria dos participantes indicou ser do sexo feminino (55,02%), 28,6% indicou ser do sexo masculino e 16,1% dos participantes preferiram não responder. Em relação à sua identidade de género, 45,6% identificaram-se como mulheres, 25,3% como homens, 4,02% como não-binários, 3,4% como agender, e 4,3% como tendo outra identidade de género (e.g., transgénero, bigénero, gendefluid, não conformista; 15,6 % não revelaram a sua identidade de género. Cerca de metade dos participantes do estudo indicaram ser norte americanos (50,6%), tendo os restantes indicado ser canadianos (6,5%), britânicos (6,3%), alemães (3,8%), australianos (3,8%), ou outras nacionalidades (alemães, holandeses, portugueses, etc.; 6,5% não revelaram a sua nacionalidade). No que se refere à escolaridade, a maioria dos participantes indicou frequentar a universidade (35,6%), ter já completado a licenciatura (28,4%) ou doutoramento/mestrado (9,4%) ou ter completado o ensino secundário (17,2%). A grande maioria dos participantes indicou viver em meio urbano (77%).

2.2. Medidas

Questões sociodemográficas. Foi pedido aos indivíduos que indicassem a sua idade, o seu sexo biológico, a sua identidade de género (as três questões em formato de resposta aberta), a sua escolaridade (e.g., High school graduate or equivalent) e a sua área de residência (e.g., Urban Area).

Questões relacionadas com relações românticas. Foi pedido aos indivíduos que indicassem a sua experiência anterior em relações românticas (“Have you ever had a significant relationship that can be considered romantic, i.e., a close and intimate non-sexual relationship based exclusively on affection [e.g., holding hands, kissing]”) Ao definirmos uma relação romântica como uma relação íntima de proximidade, baseada exclusivamente na afetividade (dar as mãos, beijos), foi pedido aos indivíduos para indicarem a sua motivação para estar numa relação romântica com sexo (“To what extent would you like to be in a significant romantic relationship with physical intimacy, including sex) numa relação

romântica sem sexo (“In a significant romantic relationship with physical intimacy, but excluding sex”). Todas estas questões foram respondidas numa escala de resposta de sete pontos (de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*). Foi também perguntado se os indivíduos se sentiam romanticamente atraídos por homens/mulheres ou ambos, se não sentiam atração romântica por outras pessoas, ou se não tinham a certeza. A resposta a esta questão permitiu categorizar os participantes em arromântico (não sentem atração/não têm a certeza) ou romântico (atraídos por homens/mulheres/ambos).

Questões relacionadas com a sexualidade. Foi pedido aos indivíduos para indicarem em que medida tinham uma atitude aversiva em relação ao sexo (“I am repulsed by the idea of having sex [I am sex averse/repulsed]”), numa escala de resposta de sete pontos (de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*). Foi pedido também que indicassem a frequência com que são sexualmente ativos (“Currently, are you sexually active?”), frequência com que foram sexualmente ativos no passado (“I have been sexually active in the past?”) e ainda, com que frequência tiveram parceiros sexuais no passado (“Have you ever had romantic partners who were not asexual?”). Estas questões foram respondidas numa escala de resposta de sete pontos (de 1 = *Nunca* a 7 = *Sempre*).

Asexuality Identification Scale. Foi utilizada a medida originalmente desenvolvida e validada por Yule e colaboradores (2015), a qual tem como objetivo discriminar entre indivíduos sexuais e assexuais e desta forma, obter amostras mais representativas da população assexual. Esta medida é composta por 12 itens (e.g., “I would be relieved if I was told that I never had to engage in any sort of sexual activity again”), sendo pedido aos participantes para indicarem em que medida concordavam ou discordavam com cada uma das afirmações numa escala de sete pontos (de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*). A escala é composta pelos conceitos (traços) de atração/desejo sexual (“I experience sexual attraction towards other people”); atividade sexual e prazer associado à sua prática (“I would be relieved if I was told that I never had to engage in any sort of sexual activity again”); identidade sexual e assexualidade (“The term “nonsexual” would be an accurate description of my sexuality”); repulsa por sexo e pela sua prática (“The thought of sexual activity repulses me”); incapacidade para se relacionarem com a sexualidade de outros (“I am confused by how much interest and time other people put into sexual relationships”); desinteresse por sexo (“Sex has no place in my life”); evitamento de sexo (“I go to great lengths to avoid situations where sex might be expected of me”) e crenças acerca da sexualidade no contexto das relações (“My ideal relationship would not involve sexual

activity”). Valores médios mais elevados indicam um maior grau de identificação com o construto de assexualidade. Esta medida apresentou um bom índice de fidelidade no presente estudo ($\alpha = ,764$).

Attitudes Related to Sexual Concerns Scale. Foram utilizadas as subescalas do compromisso e do desempenho sexual, pertencentes à escala originalmente desenvolvida e validada por Koch e Cowden (1990). Foi pedido aos participantes para indicarem o seu grau de concordância numa escala de sete pontos (de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*) com três itens da subescala referente a preocupações com compromisso (e.g., “I would not be afraid of becoming involved in a committed relationship at this point in time”) e com três itens da subescala preocupações com o desempenho sexual (e.g., “I would worry that my partner would leave me if I did not do what she or he wanted me to do in bed”). Valores médios mais elevados indicam mais preocupações com a relação e com o funcionamento sexual. Após se ter verificado um baixo índice de fidelidade para a subescala do compromisso ($\alpha = ,585$), procedeu-se à remoção do item “I would feel like a failure if I found out that my sexual partner also engaged in solitary masturbation”, aumentando o índice de fidelidade no presente estudo ($\alpha = ,690$). A subescala da performance (desempenho) sexual apresentou um bom índice de fidelidade ($\alpha = ,772$).

Adult Attachment Questionnaire. Foi utilizada a medida originalmente desenvolvida e validada por Simpson, Rholes e Philips (1996), composta por 17 itens. Aos participantes é pedido para indicarem o seu grau de concordância numa escala de sete pontos (de 1 = *Discordo Totalmente* a 7 = *Concordo Totalmente*) com 8 itens da subescala de evitamento (e.g., “I’m not very comfortable having to depend on other people”) e com 9 itens da subescala de ansiedade (e.g., “I usually want more closeness and intimacy than others do”). Pontuações médias mais elevadas indicam um estilo de vinculação predominantemente evitante ou ansioso, respetivamente. A subescala da vinculação evitante apresenta um bom índice de fidelidade no presente estudo ($\alpha = ,790$), assim como a subescala de vinculação ansiosa ($\alpha = ,740$).

2.3. Procedimento

O questionário foi integralmente construído e administrado em inglês, através do software de pesquisa *Qualtrics* e posteriormente partilhado em diferentes websites (e.g., assexuality.org), em redes sociais (Facebook e Reddit) e em diferentes comunidades internacionais online de assexuais. No caso dos websites e comunidades online, foi necessário

contatar os administradores de modo a pedir permissão para publicitar o estudo. Assim que a autorização foi concedida, uma breve descrição do estudo e o link do questionário foram publicados em cada uma das plataformas. Após carregar no link do questionário, eram apresentados os objetivos gerais do estudo, sendo referido que o estudo fazia parte da resente dissertação de mestrado e que tinha como foco as relações interpessoais de indivíduos assexuais. Era também referido que a participação era voluntária e que os participantes poderiam interromper a sua participação a qualquer momento; que as respostas eram anónimas e que ninguém tem acesso à identidade do participante; que as respostas iriam ser apenas utilizadas para efeitos de investigação e de que apenas os investigadores envolvidos na investigação tinham acesso às mesmas e por fim, confirmar ter 18 ou mais anos. Após terem dado o seu consentimento informado (clikando na opção “Sim, concordo”), a segunda página do questionário apresenta as questões demográficas, seguidas dos restantes instrumentos. Após a conclusão do questionário, agradeceu-se a participação e foi fornecido o meu email de contato, para o caso de terem alguma dúvida. As respostas ao questionário foram recolhidas desde dia 30 de julho a 22 de agosto de 2019. O tempo médio estimado de resposta foi de 16 minutos.

III. Resultados

Numa primeira análise apresentamos a caracterização demográfica dos dois grupos de assexuados e utilizamos testes X^2 e t para analisar diferenças entre os grupos. De seguida, foram realizados testes t para analisar diferenças entre os grupos romântico e arromântico no que diz respeito à identificação com a assexualidade, experiência sexual anterior e atual, existência de parceiros sexuais anteriores, aversão ao sexo, frequência de relações românticas anteriores, motivação para estabelecer uma relação com sem sexo, motivação para estabelecer uma relação romântica com sexo, preocupações com o compromisso relacional as preocupações com o desempenho sexual. Foi também calculada uma análise de variância ANOVA de medidas repetidas com os estilos de vinculação, de modo a analisar diferenças entre os grupos. Analisámos também diferenças entre os grupos nas preocupações com o compromisso e com o desempenho sexual, através de testes t . Por fim, foram realizadas regressões hierárquicas múltiplas, de modo a perceber que variáveis estão associadas a estas preocupações em cada um dos grupos.

3.1. Diferenças Demográficas entre Românticos e Arromânticos

As variáveis demográficas de acordo com a atração romântica são apresentadas no Quadro 3.1. Os resultados mostram que existe uma maior proporção de indivíduos românticos (73,8%) na amostra total, mas também que 27,2% dos indivíduos românticos estão numa relação casual ou séria ($n=90$), enquanto apenas 8,2% dos indivíduos arromânticos estão em relações ($n=10$). Os resultados sugerem uma associação entre a atração romântica nos indivíduos assexuais e a tendência para estar em relações românticas, embora a mesma seja fraca ($X^2 = 17,440$, $p < ,001$, $V = .198$)

Quadro 3.1. Variáveis demográficas para os grupos arromântico e romântico

		Orientação Romântica		X^2	V de Cramer
		Românticos <i>n</i> =330 (73,8%)	Arromânticos <i>n</i> =117 (26,2%)		
Sexo					
Mulheres		117 (54%)	69 (59%)	2.617	.07
Homens		102 (31%)	27 (23%)		
N/A		51 (15%)	21 (18%)		
Educação					
Universitária		268 (81%)	91 (78%)	.644	.038
< Universitária		62 (19%)	26 (22%)		
Área de Residência					
Urbana		252 (77%)	92 (79%)	.203	.021
Rural		77 (23%)	25 (21%)		
Relacionamentos					
Solteiros		240 (72%)	107 (91%)	17.440**	.198**
Relação Casual		18 (6%)	2 (2%)		
Relação Séria		72 (22%)	8 (7%)		
		<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Teste t</i>	<i>D. de Cohen</i>
Idade		24.97 (7.17)	24.15 (7.23)	-1.060	1.41

$p < ,005$, ** $p < ,001$

*

3.2. Identificação com Assexualidade

Os resultados mostraram que o grupo arromântico teve valores médios mais elevados na medida global de identificação com a assexualidade ($M = 5,99$, $DP = .07$) quando comparado com o grupo romântico ($M = 5,47$, $DP = 1,03$), $t(444) = 5,05$, $p < ,001$. Ao analisar separadamente cada um dos conceitos medidos pela AIS, os resultados mostraram que os grupos diferem na maioria dos traços associados à assexualidade, com a exceção dos traços repulsa por sexo e inabilidade para se relacionar com a sexualidade dos outros (Quadro 3.2).

Quadro 3.2. *Identificação dos grupos romântico e arromântico com cada conceito da escala de assexualidade de Yule, Brotto e Gorzalka (2015)*

	Orientação romântica					
	Românticos		Arromânticos		<i>t</i>	df
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Id. Global	5.47	1.03	5.99	.07	5.05**	444
Atração Sexual	12.35	2.21	13.44	1.41	4.893**	426
Ativ.Sexual	10.97	3.03	11.75	2.65	2.444**	426
Id. Assexual	10.41	2.90	11.71	2.29	4.321**	426
Desinteresse	11.32	2.96	12.52	2.13	3.949**	425
Evitamento	5.19	1.69	5.72	1.69	2.591*	426
Relações	5.68	1.75	6.35	1.17	3.806**	426
Repulsa	4.14	2.2	4.54	2.2	1.820	445
Inabilidade	5.60	1.73	5.78	1.53	.965	445

* $p < ,005$, ** $p < ,001$

3.3. Experiência Sexual e Perspetivas acerca da Sexualidade

Os românticos apresentam mais experiência sexual anterior ($M = 3,05$, $DP = 2,59$) do que arromânticos ($M = 2,08$, $DP = 2,13$), $t(426) = -2,761$, $p < ,001$, e atualmente são também mais sexualmente ativos ($M = 1,75$, $DP = 1,67$) do que os indivíduos assexuais arromânticos ($M = 1,28$, $DP = 1,09$), $t(426) = -2,97$, $p < ,001$. Para além disso, tiveram mais frequentemente parceiros sexuais anteriores ($M = 4,21$, $DP = 2,74$) do que o grupo arromântico ($M = 2,86$, $DP = 2,54$), $t(443) = -4,65$, $p < ,001$.

Relativamente à atitude aversiva face ao sexo, os resultados mostraram que o grupo romântico indicou menor aversão ao sexo ($M = 3,74$, $DP = 2,11$) do que o grupo arromântico ($M = 4,31$, $DP = 2,26$), $t(444) = 2,42$, $p = ,016$.

3.4. Experiência Romântica Anterior e Perspetivas acerca das Relações Românticas

Os indivíduos românticos apresentam mais experiência anterior em relações românticas ($M = 3,62$, $DP = 2,64$) do que os indivíduos arromânticos ($M = 2,58$, $DP = 2,67$), $t(426) = -3,740$, $p < ,001$. Convergindo com este resultado, o grupo romântico indicou maior motivação para estabelecer relações românticas com sexo ($M = 2,42$, $DP = 1,15$) do que o grupo arromântico, ($M = 1,68$, $DP = 1,15$), $t(444) = -4,71$, $p < ,001$, assim como, indicou maior motivação para estabelecer relações românticas sem sexo ($M = 5,48$, $DP = 1,71$), do que o grupo arromântico ($M = 3,09$, $DP = 2,16$), $t(444) = -12,09$, $p < ,001$

3.5. Assexualidade e Vinculação

Comparando ambos os grupos em termos de vinculação, uma ANOVA de medidas repetidas mostrou um efeito principal da vinculação $F(1, 424) = 41,06, p < ,001, (p = ,000)$, sendo que os indivíduos do grupo romântico têm um estilo de vinculação mais evitante ($M = 4,18, DP = 1,15$) do que ansioso ($M = 3,90, DP = 1,09$). O mesmo se verifica para os indivíduos do grupo arromântico, os quais apresentam um estilo de vinculação mais evitante ($M = 4,57, DP = 1,18$) do que ansioso ($M = 3,75, DP = 1,15$).

Os resultados mostram ainda a interação entre o grupo e o estilo de vinculação $F(1,424) = 10,19, p = ,002$ (Figura 1). Contrastes mostraram que os grupos não diferiram no estilo de vinculação ansioso, $t(424) = -1,25, p = .212$, ainda que o grupo arromântico tenha indicado um estilo mais evitante do que ansioso, $t(424) = 3,09, p = ,002$. Não obstante, o grupo romântico indicou um estilo de vinculação mais evitante ($M = 4,17, DP = 1,15$) que ansioso ($M = 3,90, DP = 1,09$), $t(424) = 3,14, p = ,002$. Da mesma forma, o grupo arromântico indica um estilo de vinculação mais evitante ($M = 4,57, DP = 1,18$) que ansioso ($M = 3,75, DP = 1,15$) $t(424) = 5,59, p < ,001$.

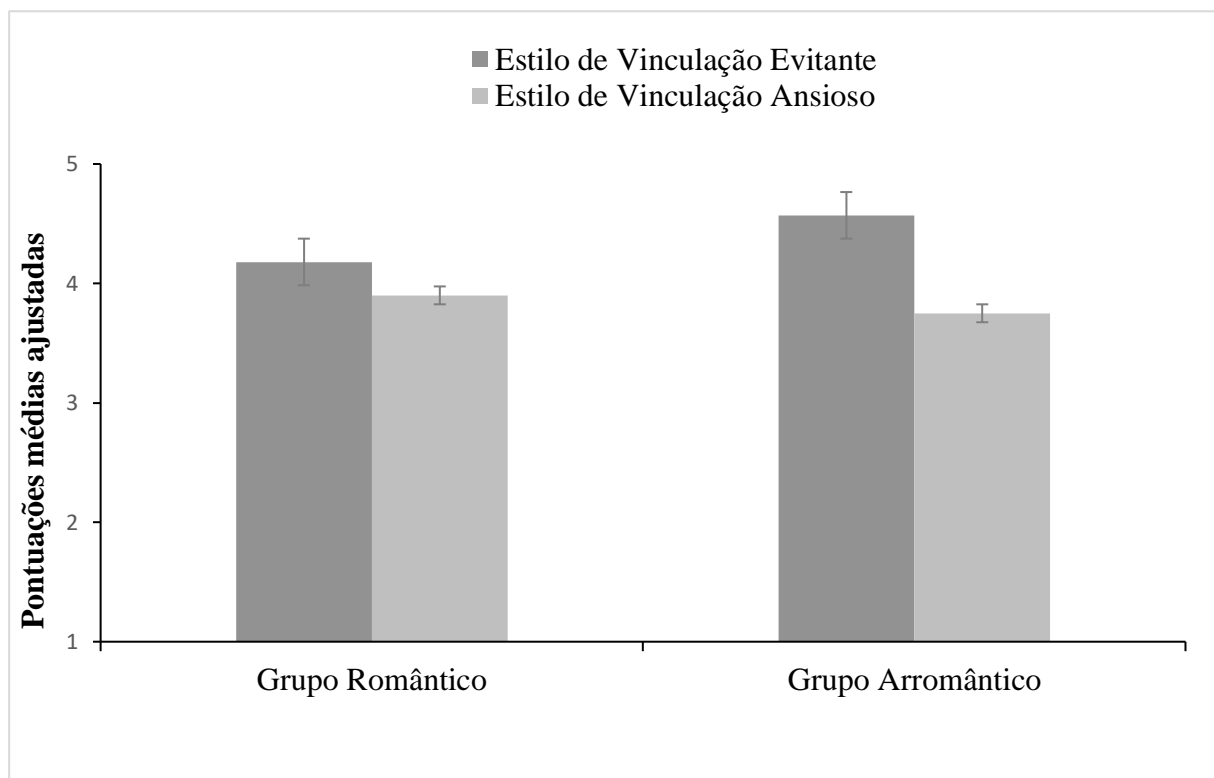


Figura 1. Efeito de interação do grupo sobre o estilo de vinculação

3.6. Assexualidade e Preocupações Relacionais

Comparando ambos os grupos em termos de preocupações relacionais, os resultados mostraram que o grupo arromântico indicou maiores preocupações com o compromisso ($M = 4,43$, $DP = 1,44$), quando comparado com o grupo de indivíduos românticos ($M = 3,32$, $DP = 1,47$), $t(444) = 6,923$, $p < ,001$. Por contraste, os resultados mostraram que o grupo romântico tem mais preocupações com o desempenho sexual ($M = 4,02$, $DP = 1,65$), comparativamente com o grupo arromântico ($M = 3,50$, $DP = 1,75$), $t(443) = -2,88$, $p = ,004$.

Com o objetivo de perceber as variáveis que contribuem para estas diferentes preocupações relacionais – compromisso e desempenho sexual – entre cada um dos grupos – arromântico e romântico –, conduzimos quatro regressões lineares múltiplas hierárquicas. Em todas as regressões foi incluída a identificação com a assexualidade no primeiro bloco, foram adicionadas as variáveis aversão ao sexo, motivação para estar numa relação com sexo, vontade de estar numa relação sem sexo e existência de parceiros sexuais anteriores no segundo bloco, e por fim e os estilos de vinculação ansioso e evitante no terceiro bloco.

Indivíduos românticos. Os resultados mostraram que a motivação para estar numa relação com sexo ($\beta = -0,187$, $p < ,001$) e a motivação para estar numa relação sem sexo ($\beta = -0,255$, $p < ,001$) estão negativamente associados a preocupações com o compromisso. Pelo contrário, a aversão ao sexo ($\beta = 0,110$, $p = .011$) e os estilos de vinculação evitante ($\beta = 0,339$, $p < ,001$) e ansioso ($\beta = 0,324$, $p < ,001$) estão positivamente associados a estas preocupações. A proporção de variância explicada por este modelo é 33,1% e o modelo apresentou-se significativo, $F(7,321) = 22,73$, $p < ,001$ (Quadro 3.3).

Os resultados mostraram também que a existência de parceiros sexuais anteriores ($\beta = 0,062$, $p = 0,049$) e o estilo de vinculação ansioso ($\beta = 0,612$, $p < .001$) estão positivamente associados a preocupações com o desempenho sexual. A proporção de variância explicada por este modelo é 17,1% e o modelo apresentou-se significativo, $F(7,320) = 9,43$, $p < ,001$ (Quadro 3.4).

Quadro 3.3. *Sumário da Regressão Linear Hierárquica paras as preocupações com o compromisso no grupo romântico*

Variável	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β
Id.Assex.	.257	.076	.184**	-.054	.115	-.091	.106	-.065	.940
Aversão				.119	.047	.170*	.110	.043	.157*
Relação com Sexo				-.171	.069	-.183*	-.187	.063	-.200*
Relação sem Sexo				-.277	.044	-.325*	-.255	.041	-.299**
Parceiros sexuais				-.027	.027	-.050	-.012	.025	-.022
Vinc. Ansiosa							.324	.064	.236**
Vinc. Evitante							.339	.061	.266**
R^2		.034			.196			.331	
<i>F</i> for change in R^2		.086			.861			30.893**	

* $p < ,005$, ** $p < ,001$

Quadro 3.4 *Sumário da Regressão Linear Hierárquica paras as preocupações com o desempenho sexual no grupo romântico*

Variável	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β
Id.Assexual.	-0.026	0.089	-.016	-0.054	0.145	-.033	-0.010	0.134	-.006
Aversão Sexo				0.050	0.058	.064	0.021	0.054	.027
Relação com Sexo				0.029	0.085	.027	0.032	0.079	.030
Relação Sem Sexo				0.028	0.055	.029	-0.020	0.052	-0.020
Parceiros Sexuais				0.051	0.034	.084	0.062	0.031	.103*
Vinc. Ansiosa							0.612	0.080	.398**
Vinc. Evitante							0.057	0.076	.040
R^2		.000			.011			.171	
<i>F</i> for change in R^2		.086			.861			30.893**	

* $p < ,005$, ** $p < ,001$

Indivíduos arromânticos. Os resultados mostram que tanto o estilo de vinculação ansioso ($\beta = 0,288$, $p = ,023$), como o estilo de vinculação evitante ($\beta = 0,415$, $p < ,001$), estão positivamente associados às preocupações com o compromisso. A proporção de variância explicada por este modelo é 24,4% e o modelo apresentou-se significativo $F(7,106) = 4,89$, $p < ,001$ (Quadro 3.5.).

Os resultados mostram também que a motivação para estar numa relação com sexo ($\beta = 0,485$, $p = ,015$) e o estilo de vinculação ansioso ($\beta = 0,591$, $p < ,001$) estão positivamente associados a preocupações com o desempenho sexual no grupo arromântico. A proporção de variância explicada por este modelo é 27,6% e o modelo apresentou-se significativo $F(7,107) = 5,82$, $p < ,001$ (Quadro 3.6.).

Quadro 3.5. *Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com o compromisso no grupo arromântico*

Variável	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	B	DP B	B	B	DP B	β	B	DP B	β
Id. Assexualidade	.566	.175	.291*	.412	.247	.212	.268	.232	.138
Aversão Sexo				.070	.078	.104	.086	.074	.128
Relação Com Sexo				.055	.188	.042	.021	.175	.016
Relação Sem Sexo				-.076	.081	-.107	-.140	.081	-.199
Parceiros Sexuais				-.042	.058	-.070	-.009	.054	-.015
Vinc. Ansiosa							.288	.125	.217*
Vinc. Evitante							.415	.110	.324**
R ²			.085			.108			.244
F for change in R ²			10.**			.808			8.606**

* $p < ,005$, ** $p < ,001$

Quadro 3.6. *Sumário da Regressão Linear Hierárquica para as preocupações com o desempenho sexual no grupo arromântico*

Variável	Bloco 1			Bloco 2			Bloco 3		
	<i>B</i>	<i>DP B</i>	<i>B</i>	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β	<i>B</i>	<i>DP B</i>	β
Id. Assexuali.	-.002	.211	-.001	.456	.279	.203	0.357	0.263	.159
Aversão Sexo				0.030	0.088	.039	0.011	0.083	.014
Relação c/Sexo				0.504	0.210	.330*	0.485	0.197	.015*
Relação s/Sexo				0.164	0.090	.202	0.010	0.092	.013
Parcei. Sexuais				-0.040	0.065	-0.057	0.000	0.062	.000
Vinc. Ansiosa							0.591	0.141	.392**
Vinc. Evitante							0.091	0.124	.061
R^2		.000			.154			.276	
F For change in R^2		.000			4.946**			9.008**	

* $p < ,005$, ** $p < ,001$

IV. Discussão e Conclusão

4.1. Discussão

O presente estudo explorou as diferenças entre os indivíduos assexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos, no seguimento da ideia de que indivíduos românticos e arromânticos poderão ser grupos distintos, com características, necessidades e dificuldades específicas (Van Houdenhove et al., 2014). Em particular, o estudo foca-se na identificação com assexualidade, perspetivas sobre a sexualidade e sobre as relações românticas, experiência sexual e em relações romântica, estilos de vinculação e as preocupações relacionais.

Os resultados mostraram que a maioria dos indivíduos da amostra sente atração romântica, tendo sido classificados como românticos, por comparação com os indivíduos que não sentem atração romântica e por isso foram classificados como arromânticos. Tal converge com as proporções reportadas no último censo publicado pela AVEN (Bauer et al., 2018).

Os indivíduos arromânticos identificaram-se mais com o constructo assexualidade, tal como medido pela AIS (Yule et al., 2015), confirmando-se H1. De facto, os resultados mostraram que quando comparados com os indivíduos românticos, os assexuais arromânticos indicaram maior falta de interesse por atividades sexuais, maior desinteresse por sexo, mais esforços para evitarem envolver-se em relações sexuais, maior importância da assexualidade para a sua identificação, maior concordância com a visão de uma relação ideal como não envolvendo relações sexuais e menor experiência de atração sexual por outros. Tal significa que os indivíduos arromânticos apresentam uma maior tendência para se identificarem com o construto da assexualidade e que a atração romântica pode ter um papel importante na identificação com assexualidade. Mais concretamente, a ausência de atração romântica parece indicar uma maior identificação com o construto de assexualidade, ou pelo menos, que a ausência de atração romântica pode ter um impacto na forma como os indivíduos assexuais se relacionam com a sua própria identificação com a sexualidade. Os indivíduos assexuais arromânticos tendem a afastar-se ainda mais das normas sociais convencionais do que os indivíduos assexuais românticos, não procurando habitualmente ligações íntimas com outros (MacNeela & Murphy, 2015). Como tal, poderão sentir-se mais próximos do conceito de assexualidade definido como a ausência de atração sexual (Yule et al., 2015). Contudo, verificámos que não houve diferenças entre os dois grupos no nível de repulsa face ao sexo e na incapacidade em relaciona-se com a sexualidade dos indivíduos não assexuais. Estes dois traços, ao se aplicarem a ambos os grupos de assexuais, podem ser traços mais característicos do construto da assexualidade. Dessa forma,

parecem aplicar-se, na sua generalidade, à experiência dos indivíduos assexuais românticos e arromânticos.

Apesar dos grupos aparentarem não diferir na repulsa que sentem em relação ao sexo, o grupo romântico apresenta menor aversão ao sexo, o que confirma H2. Esta discrepância pode ser explicada pela forma distinta como as questões foram formuladas. A aversão é questionada através de “I am repulsed by the idea of having sex (I am sex averse)”, referindo-se ao indivíduo em si e colocando-o no centro da possível atividade sexual. Pelo contrário, a pergunta relativa à repulsa, “The thought of sexual activity repulses me” não é imediatamente direcionada ao indivíduo, podendo ser interpretada como atividade sexual entre outras pessoas. Isto pode significar que embora os arromânticos sejam mais aversos que os românticos à ideia de atividade sexual quando esta se refere ao seu envolvimento, aparentam não sentir mais repulsa pela ideia de sexo quando esta envolve outras pessoas, podendo este resultado estar associado a fantasias sexuais (cf. Yule, Brotto & Gorzalka, 2014b.). Para além disso, este resultado vai de encontro à sugestão de Carrigan (2011) de que os sentimentos negativos face ao sexo experienciados por indivíduos assexuais *sex-averse* relacionam-se com eles próprios e não com os outros. Adicionalmente, a distinção da comunidade assexual acerca das perspetivas em relação à atividade sexual pode ter algum impacto nestes resultados discrepantes. As atitudes dos assexuais relativamente à atividade sexual com outros indivíduos (positiva, indiferente ou aversa) é uma das identificações mais comuns no discurso assexual emergente e a distinção entre estas é um dos elementos mais frequentemente utilizados por indivíduos assexuais para caracterizar a sua assexualidade (Carrigan, 2011; Carrigan, et al., 2012). Assim, uma grande parte dos indivíduos desta comunidade estava familiarizado com o termo *sex-averse*, o que pode ter influenciado as respostas.

A menor aversão dos indivíduos assexuais românticos em relação ao sexo é congruente com a análise da experiência sexual destes indivíduos. De facto, verificamos que os indivíduos assexuais românticos apresentam uma maior tendência para se envolverem sexualmente, tanto no presente, confirmando H3, como no passado, confirmando H4.

Tal como nos estudos de Carrigan (2011) e Scherrer (2008), verificamos que os indivíduos assexuais românticos, se envolverem mais frequentemente em relações românticas do que os indivíduos assexuais arromânticos, confirmando H7. Para além disso, os assexuais românticos tiveram mais parceiros sexuais no passado, confirmando H5, sendo que o maior envolvimento

sexual dos assexuais românticos pode ser explicado pela vontade em querer agradar os parceiros (Van Houdenhove et al., 2014).

Considerando que a orientação romântica e o estilo de vinculação poderão tem um papel importante na motivação para estabelecer relações amorosas (e.g., Feeney, 1999; Mikulincer & Florian, 1999; Mikulincer & Shaver, 2003; Van Houdenhove et al., 2014), verificou-se que os indivíduos de ambos os grupos apresentam estilos de vinculação mais evitantes do que ansiosos. Tal está de acordo com H6a e com a sugestão de Brotto e colegas (2010) de que a assexualidade poderá estar relacionada a modelos de vinculação evitantes. Estilos de vinculação mais evitantes indicam que os indivíduos assexuais românticos e arromânticos apresentam uma tendência para se sentir desconfortáveis com a proximidade e com a intimidade em relações românticas. No entanto, esta tendência parece ser mais evidente para os indivíduos arromânticos, os quais indicam estilos de vinculação mais evitantes que os indivíduos românticos, sendo congruente com o menor número de indivíduos arromânticos em relações românticas.

As principais características atribuídas aos estilos de vinculação evitantes, isto é, a necessidade em manter a distância emocional e evitar a intimidade psicológica aos parceiros, convergem com os resultados de Scherrer (2008) e Carrigan (2011), os quais verificaram que os indivíduos arromânticos aparentam evitar mais a intimidade física do que os indivíduos assexuais românticos. Tal está ainda de acordo com os resultados do nosso estudo – os indivíduos assexuais arromânticos são mais aversos a sexo do que os indivíduos assexuais românticos, indicam menor motivação para estar numa relação que envolva intimidade sexual, menor frequência de experiência sexual atual anterior, assim como, a menor frequência de parceiros sexuais anteriores.

Por sua vez, tal como esperado, verificamos que os grupos não se diferenciam no que se refere ao estilo de vinculação ansioso, confirmando H6b. Assim nenhum dos grupos apresenta maior tendência para procurar uma proximidade excessiva e preocupar excessivamente com a possibilidade de perder o parceiro (Simpson et al., 1996). Ainda mais, tal indica que nenhum dos grupos apresenta maior probabilidade de utilizar estratégias de hiperativação, as quais têm como objetivo motivar as figuras de vinculação a prestarem atenção às suas necessidades (Cassidy & Kobak, 1988).

Apesar do presente estudo não ter como foco principal o estudo da vinculação, nem estar construído de forma a explorar detalhadamente o estilo de vinculação dos indivíduos assexuais,

está de acordo com a sugestão de Brotto e colaboradores (2010) de que existe a associação da assexualidade a estilos de vinculação evitantes. Além disso e apesar dos indivíduos arromânticos serem mais evitantes que os indivíduos românticos, verifica-se que esta associação se aplica a indivíduos sexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos, sendo por isso independente da orientação romântica.

A atração romântica, experienciada pelos assexuais românticos, tem um papel preponderante na motivação para estabelecer relações amorosas (Van Houdenhove et al., 2014) e pode explicar as diferenças verificadas neste estudo. Enquanto os assexuais românticos estão interessados em encontrar um parceiro, os arromânticos preferem evitar ligações românticas (Scherrer, 2008; Carrigan, 2011). Em linha com os estudos de Carrigan (2011) e Scherrer (2008), verificamos que os indivíduos românticos indicam maior experiência anterior em relações românticas, comparativamente aos indivíduos arromânticos, tendo tido mais frequentemente parceiros sexuais. Para além disso, verifica-se um maior número de indivíduos assexuais românticos em relações românticas.

Tal como observado por Scherrer (2008) e mais tarde por Carrigan (2011), existe uma maior concordância dos indivíduos assexuais arromântico com a perspectiva de uma relação ideal como aquela que não envolve atividade sexual, comparativamente aos indivíduos assexuais românticos. Por outro lado, apesar dos mesmos autores definirem um indivíduo arromântico como alguém que não procura um parceiro romântico, verificamos que alguns dos participantes arromânticos ($n=10$) indicam estar em relações românticas, sem intimidade sexual.

No que respeita as perspectivas acerca das relações românticas, observa-se que o grupo romântico e arromântico apenas diferem na motivação para estar em relações significativas quando estas assumem um carácter romântico. Verificámos anteriormente que os assexuais românticos apresentam menor aversão sexo e deste modo, a ideia de sexo e a sua prática não lhes é tão problemática como parece ser para os assexuais arromânticos. Assim, não é de estranhar que os assexuais românticos tenham menos dificuldades em se envolver em relações sexuais, o que está de acordo com a maior motivação de estar numa relação romântica com intimidade sexual, confirmando-se H8. Por sua vez, tal é congruente com as menores preocupações com o compromisso deste grupo, as quais são exploradas mais à frente.

Para além disso, observa-se a maior motivação dos indivíduos românticos para estabelecer relações românticas quando estas não envolvem intimidade sexual, comparativamente aos indivíduos arromânticos, os quais frequentemente não procuram relações românticas (Carrigan,

2011), confirmando-se H9. Verifica-se igualmente que apesar dos indivíduos românticos estarem mais motivados para uma relação romântica sem sexo, demonstram alguma abertura para se envolverem em relações sexuais no contexto de uma relação e já se envolveram sexualmente no passado.

O grupo arromântico, caracterizado pela ausência de atração romântica (Carrigan, 2011), aparenta estar mais motivado para estabelecer relações românticas quando estas não envolvem relações sexuais. Esta menor motivação é congruente com a maior aversão ao sexo, o que significa que experienciam dificuldades em estabelecer relações íntimas sexuais, dado que a ideia de sexo e a sua prática, lhes é profundamente angustiante. No entanto, ainda que os assexuais arromânticos tendencialmente não desejem estabelecer relações românticas, parecem indicar maior motivação quando estas não envolvem intimidade sexual.

A menor motivação dos assexuais arromânticos em estabelecer relações românticas, quer com intimidade sexual, quer sem intimidade sexual, é coerente com o verificado por Carrigan (2011) de que indivíduos arromânticos frequentemente não procuram relações românticas. Esta menor motivação significa igualmente que os assexuais arromânticos apresentam uma menor tendência para se envolverem em comportamentos afetuosos no contexto da relação. Por sua vez, tal é congruente com o observado no estudo de Scherrer (2008) de que a relação ideal dos assexuais arromânticos não envolver qualquer tipo de intimidade física.

Apesar de autores como Scherrer (2008) e Carrigan (2011) definirem um indivíduo arromântico como alguém que não procura um parceiro romântico e dos indivíduos assexuais românticos concordarem com a perspetiva de uma relação ideal como não envolvendo descreviam a sua relação ideal como não envolvendo qualquer tipo de intimidade física, alguns dos nossos participantes (n=10) indicam estar em relações românticas com alguma intimidade física.

O desconforto e o receio em estabelecer relações, característicos do estilo de vinculação evitante (Simpson et. 1996), são concordantes com a menor vontade dos indivíduos arromânticos em estabelecer ligações próximas de intimidade e com o menor número de relações românticas. Assim sendo, também é menos provável que se envolvam sexualmente com outros o que por sua vez, está de acordo com o menor envolvimento sexual verificado neste grupo.

Além disso, os assexuais poderão usar terminologias distintas das utilizadas por sexuais para rotular os seus relacionamentos românticos. Em particular os indivíduos arromânticos podem

atribuir uma conotação negativa à designação “romântico/(a)”, ou pelo menos poderá não se aplicar às suas experiências e preferências. Especificamente, podem não concordar com as designações de “namorada” ou “namorado” e outras designações binárias, como “solteiro” ou “comprometido” (Scherrer 2008, 2010b). Scherrer (2010b) afirma que estas designações não se adequam à experiência de muitos indivíduos assexuais porque implicam intimidade sexual. Em particular, os indivíduos assexuais podem querer evitar designações que possam sugerir intimidade sexual, porque as suas relações ideais são geralmente com um outro indivíduo assexual, ou como um relacionamento íntimo, mas sem relações sexuais (Van Houdenhove et al. 2015b). É ainda importante considerar que a menor experiência em relações dos indivíduos arromânticos pode estar relacionada à falta de interesse em procurar uma relação e não porque não conseguem encontrar um parceiro ou por terem medo de procurar alguém com quem estabelecer uma relação íntima de proximidade (Scherrer, 2008).

As dificuldades dos indivíduos assexuais em formar relações românticas poderão estar relacionadas com preocupações relacionais, nomeadamente preocupações com o compromisso e preocupações com o desempenho sexual. As perspetivas dos assexuais acerca dos obstáculos da assexualidade para as relações românticas foram analisadas nos estudos de Haefner (2011) e de Van Houdenhove e colaboradores (2015), tendo os autores verificando que a maioria dos assexuais compreendem os obstáculos que assexualidade pode ter na procura de um parceiro romântico – os indivíduos assexuais podem percecionam a assexualidade como um obstáculo que os torna incapazes de se envolver em relações românticas, o que pode por sua vez desencadear preocupações com o compromisso típico de uma relação romântica . Apesar disto, os resultados mostram que a identificação com a assexualidade por si só, não está associada às preocupações com o compromisso quando outras variáveis estão a ser consideradas, tanto para indivíduos assexuais românticos, como para indivíduos assexuais arromânticos.

As preocupações com o compromisso significam que os indivíduos se sentem receosos e desconfortáveis (sentirem-se presos) em estabelecer relações românticas sérias. Ao contrário do esperado, não se verifica que os indivíduos assexuais românticos apresentem mais preocupações com o compromisso e dessa forma, rejeita-se H10a. Maiores preocupações com o compromisso são concordantes com a experiência de indivíduos com estilos de vinculação maioritariamente evitantes - sentem-se desconfortáveis com a proximidade ao parceiro, optando por procurar e manter a distância emocional, demonstrando dificuldades em confiar nos outros (Main, 1990; Mikulincer & Shaver, 2003). Mais concretamente, o desejo em manter a distância

emocional pode manifestar-se na resistência ao compromisso, já que os indivíduos podem estar desconfortáveis com o nível compromisso usualmente exigido numa relação romântica.

A preferência dos indivíduos assexuais arromânticos em evitar ligações românticas e a tendência para caracterizarem a sua relação ideal como semelhante a uma amizade (Scherrer, 2008; Carrigan, 2011), podem desenvolver mais preocupações com a ideia de compromisso numa relação romântica. Mais do que não se sentirem preparados, os arromânticos podem sentir-se desconfortáveis com a ideia de compromisso, não o desejando no contexto de uma relação romântica (Brotto et al., 2010). Estes indivíduos podem sentir dúvidas acerca da compatibilidade entre querer uma relação e a sexualidade, o que se traduz em mais preocupações com a sua capacidade em estabelecer relações de compromisso. Mais ainda, ao rejeitarem qualquer tipo de intimidade física, a qual tipicamente faz parte de uma relação romântica, os indivíduos assexuais arromânticos poderão ter algum receio em serem percebidos como distantes pelos parceiros românticos, o que por sua vez, pode contribuir para preocupações com o compromisso.

Um aspeto a considerar é que os assexuais arromânticos tendencialmente não procuram uma relação romântica tradicionalmente definida (Scherrer, 2008; Carrigan, 2011). Assim, é mais provável que ao estabelecerem uma relação romântica, o façam com um parceiro assexual romântico ou sexual romântico. Tal pode gerar uma certa incerteza, a qual faz com que o indivíduo tenha receio em confiar no parceiro romântico e de se envolver numa relação de compromisso. A menor experiência romântica dos assexuais românticos pode também contribuir para mais preocupações com o compromisso.

Por sua vez, as preocupações com o desempenho sexual significam que os indivíduos se sentem preocupados com a satisfação sexual do parceiro e com a possibilidade de que o desempenho sexual possa ser prejudicial para a relação. Os indivíduos assexuais românticos apresentam mais preocupações com o desempenho sexual do que os indivíduos arromânticos, confirmando H10b. Estas preocupações podem estar relacionadas com dúvidas dos assexuais românticos acerca das suas capacidades em satisfazer as necessidades sexuais dos parceiros e poderão inclusivamente, estar preocupados com a possibilidade de não se desejarem envolver em relações sexuais com o parceiro, levando ao término da relação romântica. As maiores preocupações com o desempenho sexual por parte do grupo arromântico são coerentes com a maior experiência sexual e com o facto de terem estabelecido mais frequentemente relações românticas.

No grupo romântico, a motivação para ter uma relação com sexo e a motivação para estabelecer uma relação sem sexo estão negativamente associados às preocupações com o compromisso. Pelo contrário, a aversão ao sexo, os estilos de vinculação evitante e ansioso estão positivamente associados a estas preocupações.

A associação negativa da motivação para uma relação com sexo e a motivação para uma relação sem sexo com as preocupações com o compromisso significa que quanto maior a motivação dos indivíduos românticos em estabelecerem relações românticas com intimidade sexual e quanto maior a motivação para se estabelecerem relações românticas sem intimidade sexual, menores são as preocupações com o compromisso. Ao se sentirem mais motivados para estabelecer relações românticas, os indivíduos assexuais românticos desenvolvem menos preocupações com a ideia de compromisso e poderão mais facilmente estabelecer relações românticas. Tal pode significar que de certa forma, os assexuais românticos ao se sentirem motivados para o envolvimento romântico, sentem-se mais preparados para estabelecer relações românticas, o que se traduz em menores preocupações em estabelecer relações e a menor resistência ao compromisso.

Por outro lado, a associação positiva da aversão ao sexo às preocupações com o compromisso significa que quanto maior a aversão, maiores serão as preocupações com o compromisso, em indivíduos assexuais românticos. As dificuldades provocadas pela aversão ao sexo podem contribuir para que os indivíduos se sintam mais preocupados com o compromisso exigido numa relação romântica- para indivíduos assexuais com atitudes mais aversivas em relação ao sexo, a ideia de participarem em relações sexuais, assim como a sua prática, é-lhes extremamente perturbadora, tornando pouco provável que se envolvam sexualmente com um parceiro. Mais ainda, a aversão ao sexo dificulta a negociação relativa à intimidade sexual do casal, que muitas vezes acontece com um parceiro sexual (Carrigan, 2012).

A associação positiva do estilo de vinculação ansioso às preocupações com o compromisso, significa que quanto maior este estilo de vinculação, maiores serão as preocupações com o compromisso. Se considerarmos que o estilo de vinculação ansioso é marcado pela preocupação com a indisponibilidade do outro e a possibilidade de serem rejeitados e abandonados (Simpson, et al., 1996), quanto mais ansioso o estilo de vinculação maior será o desenvolvimento de preocupações com o compromisso. Em particular, os indivíduos assexuais românticos poderão ter dúvidas acerca das suas próprias capacidades em cumprir o tipo de compromisso que os

parceiros necessitam, o que leva a que desenvolvam mais preocupações com o compromisso. Mais ainda, um dos traços característicos de estilos de vinculação mais ansiosos são as preocupações com o nível de compromisso do parceiro (Simpson, et al., 1996).

A associação positiva do estilo de vinculação evitante às preocupações com o compromisso, significa que quanto maior este estilo de vinculação, maiores serão as preocupações com o compromisso. O estilo de vinculação evitante é caracterizado pelo desconforto face à proximidade e à intimidade psicológica (Brennan et al., 1998) o que leva os indivíduos a optar por manter a distância emocional. Assim, quanto mais evitante o estilo de vinculação, maior a tendência para procurar a distância emocional ao parceiro. Estas particularidades, combinadas com a relutância em confiar nos outros (Hatfield et al., 1989; Shaver & Brennan, 1992; Simpson, et al., 1996), estão de acordo com maiores preocupações com o compromisso - o desejo em manter a distância emocional pode manifestar-se numa resistência ao compromisso.

As estratégias defensivas associadas a estilos de vinculação inseguros também podem explicar a sua contribuição para mais preocupações com o compromisso. Em particular, as estratégias de hiperativação, prevalentes em estilos de vinculação ansioso e as estratégias de desativação, prevalentes em estilos de vinculação evitantes, estão subjacentes a padrões sistemáticos de expectativas, emoções e comportamentos relacionais (Fraley & Shaver, 2000; Shaver & Mikulincer, 2002). Assim, não é de estranhar que o estilo de vinculação ansioso e o estilo de vinculação evitante contribuam para preocupações com o compromisso em indivíduos assexuais românticos e como vamos ver mais à frente, igualmente para preocupações com o compromisso em indivíduos assexuais arromânticos.

A associação positiva entre a existência de parceiros sexuais às preocupações com o desempenho sexual, significa que ter tido frequentemente mais parceiros sexuais contribui para que os indivíduos assexuais românticos desenvolvam mais preocupações com o seu desempenho sexual. Isto sugere que os indivíduos assexuais românticos se envolveram sexualmente com os parceiros ou que pelo menos, estiveram mais expostos às expectativas de envolvimento sexual por parte do parceiro sexual, para quem a intimidade sexual é provavelmente considerada como um progresso natural de uma relação (Willettts et al., 2004). Tal pode fazer com que sintam preocupados com a satisfação sexual do parceiro, contribuído para mais preocupações com o seu desempenho sexual. A maior tendência apresentada pelos indivíduos assexuais românticos em se envolverem sexualmente com parceiros, tanto no presente como no passado pode significar que os assexuais românticos compreendem o impacto

da sexualidade nas relações românticas, o que lhes causa mais preocupações no desempenho sexual com um parceiro.

A associação positiva do estilo de vinculação ansioso a mais preocupações com o desempenho sexual, significa que quanto mais ansioso for o estilo de vinculação, mais serão as preocupações com o desempenho sexual. Talvez decorrente da vontade em manter a proximidade e de evitar o abandono e a rejeição (Simpson et al., 1996; Davis et al., 2004; Schachner & Shaver, 2004), os indivíduos podem estar mais preocupados em ter um desempenho sexual adequado para o seu parceiro. O maior estilo de vinculação ansioso significa maior necessidade de proximidade e a utilização de estratégias de hiperativação, tentando alcançar a proximidade e atenção do parceiro, evitando o abandono (Cassidy & Kobak, 1988). A componente sexual de estilos de vinculação ansiosos corresponde à tendência para usar o sexo como um meio para alcançar a intimidade e a proximidade emocional e dessa forma, quanto mais ansioso for o estilo de vinculação do indivíduo, maior será a tendência para corresponder ao uso do sexo de forma a sentirem-se mais próximos dos parceiros. Por sua vez, os indivíduos poderão sentir-se mais preocupados que o seu desempenho sexual não seja suficientemente satisfatório para o parceiro, não sendo capazes de obter a proximidade desejada. Os indivíduos assexuais românticos poderão não estar disponíveis para um potencial envolvimento sexual com o parceiro, principalmente se mais *sex-averse*, levando a que se preocupem com a possibilidade de que o parceiro os abandone.

Tal como no grupo romântico, o estilo de vinculação evitante e o estilo de vinculação ansioso, ambos estilos de vinculação inseguros, estão positivamente associadas às preocupações com o compromisso, para os indivíduos arromânticos.

A associação positiva entre o estilo de vinculação evitante às preocupações com o compromisso, significa que quanto mais evitante for o estilo de vinculação dos indivíduos arromânticos, mais serão as suas preocupações com o compromisso. Quanto mais evitante o estilo de vinculação, maiores serão as dificuldades em confiar no parceiro (Simpson, et al., 1996), o que por sua vez, leva a mais preocupações com o compromisso.

A associação positiva entre o estilo de vinculação ansioso às preocupações com o compromisso, significa que quanto mais ansioso for o estilo de vinculação dos indivíduos arromânticos, mais serão as suas preocupações com o compromisso. Quanto mais ansioso, maior será a necessidade se sentirem próximos do parceiro e maiores as preocupações com a rejeição e a perda do parceiro, assim como, maiores serão as preocupações com o nível de

compromisso do parceiro (Mikulincer & Shaver, 2003), o que leva a que os indivíduos se mostrem preocupados com a possibilidade de se envolverem numa relação de compromisso. Para além disso, decorrente da maior necessidade de proximidade e do maior receio em serem abandonados pelos parceiros (Collins & Read, 1990), os indivíduos assexuais arromânticos com estilos de vinculação mais ansiosos poderão não se sentir preparados para se envolverem em relações românticas. Por outro lado, poderão ter dúvidas acerca da capacidade do parceiro em cumprir a necessidade de proximidade, podendo contribuir para que sintam mais preocupados com o compromisso.

Curiosamente, apesar dos indivíduos arromânticos apresentarem tendencialmente um estilo de vinculação evitante e de os românticos serem mais sexualmente ativos que os arromânticos, também o estilo de vinculação ansioso está positivamente associado às preocupações com a desempenho sexual. Da mesma forma, a motivação em estabelecer uma relação com sexo está positivamente associada às preocupações com a desempenho sexual, a qual parece contribuir para que os arromânticos tenham mais preocupações com a desempenho sexual.

Apesar de se verificar que os arromânticos são mais aversos ao sexo, os resultados deste indicam que a maior motivação para estabelecer uma relação com sexo faz com estes indivíduos demonstrem mais preocupações com a desempenho sexual. Assim, quanto maior a motivação para estabelecer uma relação romântica com intimidade sexual, mais os assexuais arromânticos estão preocupados com a satisfação sexual dos parceiros. Tal pode também significar que embora os assexuais arromânticos tendencialmente não se envolvam em atividades sexuais, compreendem a importância da componente sexual nas relações românticas. Alternativamente pode significar uma necessidade em corresponder às expectativas do parceiro, isto é, a motivação para estabelecer uma relação com sexo também implica responder a uma necessidade sexual do parceiro. No entanto, a aversão que sentem em relação ao sexo pode prejudicar ainda mais a possibilidade de um desempenho sexual satisfatório para o parceiro.

A associação positiva do estilo de vinculação ansioso às preocupações com o desempenho sexual significa que quanto mais ansioso for o estilo de vinculação, mais são as preocupações com o desempenho sexual. Ao sentirem medo que os parceiros os abandonem e ao desejarem sentirem-se emocionalmente próximos dos mesmos, indivíduos assexuais arromânticos com estilos de vinculação mais ansiosos podem utilizar o sexo como um meio para alcançar a intimidade emocional, a aprovação do parceiro e para se sentirem seguros na relação (Davis et al., 2004; Schachner & Shaver, 2004). Assim, quanto mais ansioso for o estilo de vinculação,

maior é o desejo em se sentirem emocionalmente próximos dos parceiros e maior é a tendência para usar o sexo como forma de sentir essa proximidade, o que pode resultar em mais preocupações com o desempenho sexual. No entanto, e embora Brotto e colaboradores (2010) não tenham distinguido entre assexuais românticos e assexuais arromânticos, é importante notar que o envolvimento sexual por parte dos indivíduos assexuais não significa que estes se sintam emocionalmente próximos dos parceiros, tendo os autores verificado que alguns indivíduos assexuais revelam experienciar atividade sexual desprovida de intimidade emocional.

Por fim, no quadro 4.1 é possível observar o sumário dos resultados do presente estudo. A sua análise permite verificar que dos dois estilos de vinculação inseguros, o estilo de vinculação ansioso contribuí para preocupações com o compromisso e com o desempenho sexual, em ambos os grupos. Em particular, o estilo de vinculação ansioso, ao contrário do estilo de vinculação evitante está associado a preocupações com o desempenho sexual em ambos os grupos romântico e arromântico. Assim verificamos que apesar dos assexuais arromânticos serem menos sexualmente ativos, apresentarem estilos de vinculação mais evitantes, menor motivação para se envolverem em relações românticas com intimidade sexual, assim como, menores preocupações com o desempenho sexual, do que os assexuais românticos, o estilo de vinculação ansioso está associado a preocupações com o desempenho sexual em ambos os grupos.

Quadro 4.1 *Sumário dos resultados obtidos*

	Românticos	Arromânticos
Identificação Global com a Assexualidade	Menor identificação com a assexualidade	Maior identificação com a assexualidade
Aversão ao Sexo	Menor aversão ao sexo	Maior aversão ao sexo
Experiência Sexual	Mais experiência Sexual	Menos Experiência sexual
Parceiros Sexuais	Mais frequentemente parceiros sexuais	Menos frequentemente parceiros sexuais
Motivação para estabelecer uma relação romântica com sexo	Maior motivação	Menor motivação
Motivação para estabelecer uma relação romântica sem sexo	Maior motivação	Menor motivação
Estilo de vinculação	Mais evitante	Mais evitante
Vinculação Evitante	Menos evitantes que os Arromânticos	Mais evitantes que os Românticos
Vinculação Ansiosa	Não diferem	
Preocupações com o Compromisso	Menores preocupações com o compromisso do que os arromânticos	Mais preocupações com o compromisso do que os românticos
Preocupações com o desempenho sexual	Mais preocupações com o desempenho sexual	Menos preocupações com o desempenho sexual
Variáveis que contribuem para as preocupações		
Com o Compromisso	Aversão ao sexo Motivação de estabelecer uma relação com sexo; Motivação de estabelecer uma relação sem sexo; Estilo de vinculação Evitante Estilo de vinculação Ansioso	Estilo de Vinculação Evitante; Estilo de Vinculação Ansioso;
Com o Desempenho Sexual	Existência de parceiros sexuais anteriores; Estilo de vinculação Ansioso	Motivação de estabelecer uma relação com sexo; Estilo de Vinculação Ansioso

4.2. Pontos fortes, Limitações

Apesar de uma das direções seguidas pela investigação contemporânea seja a compreensão de diferentes tipos de atração e o seu papel nas relações íntimas (ver Sundrud, 2011; Carrigan, 2011; Hinderliter, 2009a, 2009b, 2009c), são poucos os estudos que comparem indivíduos assexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos. Autores como Carrigan (2011) e

Sundrud (2011) debaterem as diferenças e pontos convergentes na comunidade assexual, mas, no entanto, nenhum dos autores debateu os pontos explorados no presente estudo. Assim um dos maiores pontos fortes deste estudo é o seu contributo para a melhor compreensão da comunidade assexual, a qual como já vimos anteriormente distingue entre indivíduos assexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos (Scherrer, 2008; Carrigan, 2011; Van Houdenhove et al., 2015a, 2015b). Tal é particularmente relevante se consideramos que os indivíduos assexuais parecem conceder mais importância aos aspetos românticos de uma relação, comparativamente aos aspetos sexuais da mesma (Brotto et al., 2010).

O questionário permitiu recolher nova informação quantitativa acerca dos indivíduos assexuais, a qual vem complementar os dados obtidos em estudos qualitativos anteriores (e.g., Scherrer, 2008), contribuindo para a melhor compreensão da comunidade assexual. Em particular, o estudo acrescenta ao debate acerca da concetualização da assexualidade, já que nos permite sugerir que a definição de assexualidade como a ausência de atração sexual por outros pode não se adequar às experiências de grande parte da comunidade assexual. De facto, os indivíduos românticos, os quais constituem a maioria da nossa amostra e que segundo a AVEN, compõem a maioria dos indivíduos da comunidade assexual global, apresentam uma menor identificação com a assexualidade enquanto a ausência de atração sexual por outros. Mais ainda, ao definirmos a atração sexual como o desejo por uma relação sexual ou por contato sexual com um outro, verifica-se que os indivíduos assexuais românticos indicam sentir atualmente mais atração sexual do que os indivíduos arromânticos, assim como no passado. Assim, os nossos resultados sugerem que se deve aceitar uma certa fluidez na experiência da atração sexual dos indivíduos assexuais. Do mesmo modo, verifica-se que a definição de assexualidade como ausência de comportamento sexual diádico (Rothblum & Brehony, 1993), aparenta ser inadequada às experiências de alguns indivíduos assexuais românticos, os quais são atualmente mais sexualmente ativos que os indivíduos arromânticos, tendo também sido sexualmente ativos no passado.

Este estudo permitiu analisar a realidade complexa que envolve a assexualidade. O recrutamento online de participantes, feito através de várias plataformas e comunidades de pessoas assexuais (e.g., AVEN) permitiu uma dimensão de participantes considerável e diversa em termos de variáveis demográficas (e.g., 15 países). Tal dá-nos confiança na generalização dos resultados obtidos e confere ao estudo uma maior validade ecológica. De facto, recorrer a uma amostra exclusivamente recrutada a partir da AVEN poderia limitar a validade do estudo, pois nem todos os assexuais se identificam com a mesma definição (Carrigan, 2011). Por

exemplo, no estudo de Van Houdenhove e colaboradores (2015), a maioria dos participantes que descobriu a assexualidade através da AVEN se identifica com a definição promovida pela rede, o mesmo não acontece no estudo conduzido por Carrigan (2011), em que alguns dos participantes demonstraram não concordar com a mesma.

Uma limitação deste estudo é que a adaptação da AIS a uma escala de resposta de 7 pontos (diferente da escala de 5 pontos original) não permitiu ter um ponto de corte a partir do qual os indivíduos são identificados como assexuais. Ainda assim as médias de identificação com a assexualidade são elevadas para ambos os grupos e os participantes foram recrutados em comunidades específicas e não da população geral, o que nos permite ter segurança na qualidade da amostra. No geral, são necessários estudos futuros que permitam continuar a explorar a assexualidade com base nos resultados atuais.

4.3. Estudos futuros

Considerando os resultados obtidos e de forma a explorar que os arromânticos apresentam uma maior aversão à ideia de atividade sexual quando esta corresponde ao seu envolvimento, mas que não sentem mais repulsa pela ideia de sexo quando esta envolve outras pessoas, sugerimos que estudos futuros explorem esta diferença.

Atendendo que os resultados obtidos indicam que a orientação romântica tem um papel importante nas diferenças entre os indivíduos assexuais (ou que pelo menos os indivíduos assexuais românticos e arromânticos diferem entre si por exemplo na motivação para estabelecer relações românticas), pode ser relevante estudar a dimensão romântica na população sexual, de modo a que nos permita verificar não só a prevalência de indivíduos sexuais arromânticos, como também verificar se existe alguma correlação entre o aromanticismo e a orientação sexual, ou seja, verificar se os indivíduos assexuais têm maiores probabilidade de serem arromânticos do que indivíduos heterossexuais.

Apesar de não ter sido explorado neste estudo, Van Houdenhove e colaboradores (2015) verificaram que alguns dos seus participantes indicaram que amor e sexo são incompatíveis e que o envolvimento em relacionamentos sexuais diminuiu os sentimentos românticos pelos seus parceiros. Consideramos que esta particularidade pode ser futuramente explorada de forma mais adequada, se considerada a orientação romântica dos indivíduos assexuais. Deste modo, pode ser relevante para investigações futuras, explorar com que frequência essa incompatibilidade de amor e sexo é encontrada na população assexual.

Seria também interessante verificar se existe uma maior proporção de assexuais românticos no subgrupo demissexual, os quais como vimos anteriormente, se distinguem dos restantes membros da comunidade assexual porque experienciam atração sexual como resultado da ligação emocional com um outro indivíduo. Considerando que os arromânticos não sentem atração romântica e por isso não desejam estabelecer uma relação romântica com um outro, é pouco provável que os indivíduos demissexuais sejam arromânticos. Adicionalmente, poderia ser explorado se os demissexuais apresentam maior tendência para formar vínculos emocionais com indivíduos assexuais ou com indivíduos sexuais. No mesmo sentido, pode ser interessante verificar a orientação romântica do subgrupo *Gray-a*, os quais pertencem ao espectro entre a assexualidade e sexualidade, distinguindo-se dos restantes membros da comunidade assexual por sentirem por vezes, baixos níveis de atração sexual.

Estudos anteriores como os de Brotto e colaboradores (2010), verificaram que os indivíduos assexuais prefeririam concetualizar a si mesmos e aos seus relacionamentos através da orientação romântica (e.g., heteromântico). Tal parece indicar que a linguagem utilizada pelos assexuais na sua autoidentificação é de particular importância e que estes indivíduos podem preferir concetualizar as suas relações através de um foco romântico. Por este motivo, sugere-se que estudos futuros explorem as designações e os significados que os indivíduos assexuais atribuem a si próprios e às relações que estabelecem. Para além disso, considerando que se verificou anteriormente que os indivíduos arromânticos comumente não procuram uma relação romântica tradicionalmente definida e não desejam nenhum tipo de intimidade física, poderão classificar ações como beijar e abraçar de forma distinta dos assexuais românticos. Assim, é igualmente interessante explorar os comportamentos que os arromânticos e românticos classificam como românticos e verificar se o fazem de forma distinta.

Considerando que os resultados do AIS nos permitem verificar que os indivíduos assexuais arromânticos revelarem recorrer mais frequentemente a estratégias comportamentais como forma de evitar situações em que possa ser expectável se envolverem em relações sexuais, pode ser relevante explorar mais detalhadamente o tipo de estratégias adotadas pelos indivíduos assexuais, assim como, verificar se os assexuais românticos e assexuais arromânticos o fazem de forma distinta.

Apesar de autores como Scherrer (2008) e Carrigan (2011) definirem um indivíduo arromântico como alguém que não experiencia atração romântica e não procura um parceiro romântico, verificamos que alguns dos participantes indicam estar em relações românticas.

Desta forma, seria interessante para estudos futuros, analisar o tipo de relações estabelecidas por estes indivíduos e as motivações para o fazerem. Complementariamente, seria pertinente analisar se existem diferenças entre o tipo de relações românticas estabelecidas por estes indivíduos e as relações estabelecidas pelos indivíduos assexuais românticos. No mesmo sentido, pode ser interessante explorar o papel da sexualidade nas relações dos indivíduos assexuais românticos e arromânticos.

A literatura focada na vinculação indica que as relações de indivíduos com estilos de vinculação mais evitantes são pouco estáveis, caracterizando-se pelo medo de intimidade e por baixos níveis de envolvimento emocional e de confiança (e.g., Kirkpatrick & Davis, 1994; Mikulincer & Florian, 1999). Ao se verificar que os assexuais arromânticos e românticos têm estilos de vinculação mais evitantes, poderia ser interessante analisar algumas das características associadas aos estilos de vinculação evitante nas relações estabelecidas por estes grupos. No mesmo sentido, Mark e colaboradores (2017) verificaram que os indivíduos com estilos evitantes em relações, podem recorrer mais à masturbação e à pornografia, de forma a evitar a intimidade, o que pode diminuir o desejo sexual pelo parceiro. Estudos futuros podem explorar este aspeto em indivíduos assexuais românticos e indivíduos assexuais arromânticos.

Estudos futuros podem analisar as atitudes dos indivíduos assexuais em relação à infidelidade e às relações não monogâmicas consensuais e explorar se estas se distinguem das perspectivas dos sexuais e ainda, se se distinguem entre assexuais românticos e assexuais arromânticos.

Por fim, estudos que explorem a forma como os indivíduos assexuais diferenciam entre atração sexual e atração romântica, podem ser um importante contributo para a compreensão da assexualidade.

4.4. Conclusão

A orientação romântica (românticos ou arromânticos) parece ter um papel importante na experiência romântica e sexual de indivíduos assexuais. Adicionalmente, a orientação romântica parece conduzir a diferentes identificações com a assexualidade. É inegável que a compreensão das características de diferentes subgrupos de indivíduos assexuais vai permitir compreender melhor a assexualidade, seja na academia, seja na prática clínica, de forma a ajudar os indivíduos que estejam a debater-se com a sua identidade sexual. Ao fomentar a compreensão da assexualidade no mundo clínico, há uma contribuição para que seja realizado um melhor trabalho e, por consequência, a ajudar a melhorar a saúde psicológica das pessoas.

Referências

- Aicken, C. R., Mercer, C. H., & Cassell, J. A. (2013). Who reports absence of sexual attraction in Britain? Evidence from national probability surveys. *Psychology & Sexuality, 4*(2), 121-135.
- Ainsworth, M. D. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of medicine, 61*(9), 792.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology Press.
- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed., text rev.). Washington, DC: Author
- Bauer, C., Miller, T., Ginoza, M., Guo, Y., Youngblom, K., Baba, A., Penten, P., Meinhold, M., Ramaraj, V., Ziebert, J., Trieu, T., Adroit, M., (2018). The 2016 Asexual Community Survey Summary Report. Retrieved from https://asexualcensus.files.wordpress.com/2018/11/2016_ace_community_survey_report.pdf. The Asexual Community Survey Team.
- Berkey, B. R., Perelman-Hall, T., & Kurdek, L. A. (1990). The multidimensional scale of sexuality. *Journal of homosexuality, 19*(4), 67-88.
- Bogaert, A. F. (2004). Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research, 41*(3), 279-287.
- Bogaert, A. F. (2006). Toward a conceptual understanding of asexuality. *Review of General Psychology, 10*(3), 241-250.
- Bogaert, A. F. (2012). Asexuality and autochorissexualism (identity-less sexuality). *Archives of Sexual Behavior, 41*(6), 1513-1514.
- Bogaert, A. F. (2015). Asexuality: What it is and why it matters. *Journal of sex research, 52*(4), 362-379.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. *Monographs of the society for research in child development, 50*(1-2), 3-35.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology, 28*(5), 759.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview.
- Brennan, K. A., Wu, S., & Loev, J. (1998). Adult romantic attachment and individual differences in attitudes toward physical contact in the context of adult romantic relationships. In J. A.

- Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 394-428). New York, NY, US: Guilford Press.
- Brotto, L. A., Knudson, G., Inskip, J., Rhodes, K., & Erskine, Y. (2010). Asexuality: A mixed-methods approach. *Archives of sexual behavior*, *39*(3), 599-618.
- Brotto, L. A., & Yule, M. A. (2011). Physiological and subjective sexual arousal in self-identified asexual women. *archives of Sexual Behavior*, *40*(4), 699-712.
- Bowlby, J. (1979). The Bowlby-Ainsworth attachment theory. *Behavioral and Brain Sciences*, *2*(4), 637-638.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books. (Original work published 1969).
- Carrigan, M. (2011). There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. *Sexualities*, *14*(4), 462-478.
- Carrigan M. (2012). "How do you know you don't like it if you haven't tried It?" Asexual Agency and the Sexual Assumption. In TG Morrison, M.A Morrison, M. A. Carrigan, & D. T. McDermott (Eds.), *Sexual Minority Research in the New Millennium* (pp. 3-20). UK: Nova Science Publishers.
- Carrigan, M., Gupta, K., & Morrison, T. G. (2013). Asexuality special theme issue editorial. *Psychology & Sexuality*, *4*(2), 111-120.
- Cassidy, J., & Kobak, R. R. (1988). Avoidance and its relation to other defensive processes. *Clinical implications of attachment*, *1*, 300-323.
- Cerankowski, K. J., & Milks, M. (2010). New orientations: Asexuality and its implications for theory and practice. *Feminist Studies*, *36*(3), 650-664.
- Chasin, C. D. (2011). Theoretical issues in the study of asexuality. *Archives of sexual behavior*, *40*(4), 713-723.
- Chasin, C. D. (2015). Making sense in and of the asexual community: Navigating relationships and identities in a context of resistance. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, *25*(2), 167-180.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of personality and social psychology*, *58*(4), 644.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *30*(8), 1076-1090.
- Diamond, L. M. (2003). What does sexual orientation orient? A biobehavioral model distinguishing romantic love and sexual desire. *Psychological review*, *110*(1), 173.

- Diamond, L. M. (2004). Emerging perspectives on distinctions between romantic love and sexual desire. *Current directions in psychological science*, 13(3), 116-119.
- Downey, G., Freitas, A. L., Michaelis, B., & Khouri, H. (1998). The self-fulfilling prophecy in close relationships: Rejection sensitivity and rejection by romantic partners. *Journal of personality and social psychology*, 75(2), 545.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of personality and Social Psychology*, 58(2), 281.
- Fisher, T. D., Davis, C. M., Yarber, W. L., & Davis, S. L. (2010). *Handbook of Sexuality-Related Measures*. New York: Routledge.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of general psychology*, 4(2), 132-154.
- Gentzler, A. L., & Kerns, K. A. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal relationships*, 11(2), 249-265.
- Gupta, K. (2017). “And now I’m just different, but there’s nothing actually wrong with me”: Asexual marginalization and resistance. *Journal of Homosexuality*, 64(8), 991-1013.
- Haefner, C. (2011). *Asexual scripts: A grounded theory inquiry into the intrapsychic scripts asexuals use to negotiate romantic relationships*. Institute of Transpersonal Psychology.
- Hatfield, E., Brinton, C., & Cornelius, J. (1989). Passionate love and anxiety in young adolescents. *Motivation and Emotion*, 13(4), 271-289.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511.
- Hinderliter, A. C. (2009a). Methodological issues for studying asexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 619-621.
- Hinderliter, A. (2009b). Asexuality: The History of a Definition. Online. 3 October 2013. http://www.asexualexplorations.net/home/history_of_definition.html
- Hinderliter, A. (2009c). Reflections on Defining Asexuality. Online. 3 October 2013. <http://www.asexualexplorations.net/home/reflections.html>
- Hinderliter, A. (2013). How is asexuality different from hypoactive sexual desire disorder?. *Psychology & Sexuality*, 4(2), 167-178.
- Jones, C., Hayter, M., & Jomeen, J. (2017). Understanding asexual identity as a means to facilitate culturally competent care: A systematic literature review. *Journal of clinical nursing*, 26(23-24), 3811-3831.

- Kalichman, S. C., Sarwer, D. B., Johnson, J. R., Ali, S. A., Early, J., & Tuten, J. T. (1994). Sexually coercive behavior and love styles: A replication and extension. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 6(1), 93-106.
- Kirkpatrick, L. A., & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of personality and social psychology*, 66(3), 502.
- Kinsey, A.C., Pomeroy, W.B., & Martin, C.E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C.E., & Gebhard, P.H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.
- Kobak, R. R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child development*, 135-146.
- Kobak, R. R., & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and social Psychology*, 60(6), 861.
- Koch, P. B., & Cowden, C. R. (1990). *Development of a measurement of attitudes related to sexual concerns*. Unpublished manuscript.
- Lehmiller, J. J. (2017). *The psychology of human sexuality*. John Wiley & Sons.
- Mark, K. P., Vowels, L. M., & Murray, S. H. (2018). The impact of attachment style on sexual satisfaction and sexual desire in a sexually diverse sample. *Journal of sex & marital therapy*, 44(5), 450-458.
- MacNeela, P., & Murphy, A. (2015). Freedom, invisibility, and community: A qualitative study of self-identification with asexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 44(3), 799-812.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the society for research in child development*.
- Mikulincer, M., Orbach, I., & Iavnieli, D. (1998). Adult attachment style and affect regulation: Strategic variations in subjective self–other similarity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2), 436.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between parental reports of attachment style and family dynamics, and offspring's reports of adult attachment style. *Family process*, 38(2), 243-257.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1999). The association between spouses' self-reports of attachment styles and representations of family dynamics. *Family Process*, 38(1), 69-83.

- Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamics, development, and cognitive consequences of attachment-related strategies. *Motivation and emotion*, 27(2), 77-102.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry*, 11(1), 11-15.
- Prause, N., & Graham, C. A. (2007). Asexuality: Classification and characterization. *Archives of Sexual Behavior*, 36(3), 341-356.
- Poston Jr, D. L., & Baumle, A. K. (2010). Patterns of asexuality in the United States. *Demographic Research*, 23, 509-530.
- Przybylo, E. (2012). Producing facts: Empirical asexuality and the scientific study of sex. *Feminism & Psychology*, 32(2), pp. 224-242.
- Robbins, N. K., Low, K. G., & Query, A. N. (2016). A qualitative exploration of the “coming out” process for asexual individuals. *Archives of sexual behavior*, 45(3), 751-760.
- Rothblum, E. D., & Brehony, K. A. (Eds.). (1993). *Boston marriages: Romantic but asexual relationships among contemporary lesbians*. Univ of Massachusetts Press.
- Scott, S., McDonnell, L., & Dawson, M. (2016). Stories of Non-Becoming: Non-Issues, Non-Events and Non-Identities in Asexual Lives. *Symbolic Interaction*, 39(2), 268-286.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2002). Attachment style and human mate poaching. *New Review of Social Psychology*, 1, 122-129.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). *Attachment dimensions and sexual motives*. *Personal relationships*, 11(2), 179-195.
- Shaver, P., & Hazan, C. (1987). Being lonely, falling in love. *Journal of Social Behavior and Personality*, 2(2), 105.
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal relationships*, 5(4), 473-501.
- Shaver, P. R., & Brennan, K. A. (1992). Attachment styles and the "Big Five" personality traits: Their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18(5), 536-545.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of personality and social psychology*, 59(5), 971.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: An attachment perspective. *Journal of personality and social psychology*, 71(5), 899.

- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13, 19-24.
- Tracy, J. L., Shaver, P. R., Albino, A. W., & Cooper, M. L. (2003). Attachment styles and adolescent sexuality. *Adolescent romance and sexual behavior: Theory, research, and practical implications*, 137-159.
- Yule, M. A., Brotto, L. A., & Gorzalka, B. B. (2014). Sexual fantasy and masturbation among asexual individuals. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23(2), 89-95.
- Yule, M. A., Brotto, L. A., & Gorzalka, B. B. (2015). A validated measure of no sexual attraction: The Asexuality Identification Scale. *Psychological Assessment*, 27(1), 148.
- Yule, M. A., Brotto, L. A., & Gorzalka, B. B. (2017). Sexual fantasy and masturbation among asexual individuals: An in-depth exploration. *Archives of sexual behavior*, 46(1), 311-328.
- Scherrer, K. S. (2008). Coming to an asexual identity: Negotiating identity, negotiating desire. *Sexualities*, 11(5), 621-641.
- Scherrer, K. S. (2010a). What asexuality contributes to the same-sex marriage discussion. *Journal of gay & lesbian social services*, 22(1-2), 56-73.
- Scherrer, K. S. (2010b). Asexual relationships: What does asexuality have to do with polyamory?. *Understanding non-monogamies* (pp. 166-171). Routledge.
- Storms, M. D. (1979). Sex role identity and its relationships to sex role attributes and sex role stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(10), 1779.
- Storms, M. D. (1980). Theories of sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 783.
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge University Press.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13, 19-24.
- Sundrud, J. L. (2011). *Performing asexuality through narratives of sexual identity* (Doctoral dissertation, San Jose State University).
- Zheng, L., & Su, Y. (2018). Patterns of Asexuality in China: Sexual Activity, Sexual and Romantic Attraction, and Sexual Desire. *Archives of sexual behavior*, 47(4), 1265-1276.
- Van Houdenhove, E., Gijssels, L., T'Sjoen, G., & Enzlin, P. (2014). Asexuality: Few facts, many questions. *Journal of sex & marital therapy*, 40(3), 175-192.
- Van Houdenhove, E., Gijssels, L., T'Sjoen, G., & Enzlin, P. (2015a). Asexuality: A multidimensional approach. *The Journal of Sex Research*, 52(6), 669-678.

Van Houdenhove, E., Gijs, L., T'Sjoen, G., & Enzlin, P. (2015b). Stories about asexuality: A qualitative study on asexual women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(3), 262-281.

Van Houdenhove, E., Enzlin, P., & Gijs, L. (2017). A positive approach toward asexuality: Some first steps, but still a long way to go. *Archives of sexual behavior*, 46(3), 647-651.

Willettts, M. C., Sprecher, S., & Beck, F. D. (2004). Overview of sexual practices and attitudes within relational contexts. *The handbook of sexuality in close relationships*, 57-85.

Anexos

Anexo A- Questionário

We would like to start by thanking for your collaboration in this study. We want to know more about asexuality and asexual people, so that we can reliable knowledge to share. This study is very important not only to us, but also to the asexual community and to society in general. This study is part of my master's thesis in ISCTE-IUL (Portugal).

Please read carefully all the questions and select the option that best represent your answer. We kindly ask you no to leave questions unanswered, so that we can have a larger sample of participants and more reliable findings. There are no right or wrong answers to either question, and we simply want to know your opinion. The study will take approximately 15 minutes. Please take the survey alone and without the presence of others.

In agreement with the National Data Protection Commission and the guidelines of the ISCTE-IUL Ethics Committee, your responses are anonymous and confidential, such that none of your responses will be attached to any identifying information. The data will be analysed as a group.

If you do not agree with any part of survey, or if you feel uncomfortable with any question being asked, we have the right to end your participants simply by closing your web browser. In that event, your responses will not be recorded.

This study is being done by Ana Catarina Carvalho, master student in social and organizational psychology (SCTE-IUL), working under supervision of Dr. David L. Rodrigues, researcher from the ISCTE-IUL, CIS-IUL.

Before starting, confirm the following information:

1. I am aware that my participation is voluntary and I can interrupt at any time by simply closing the page

2. My answers will be anonymous and nobody will be able to access my identity

3. My answers will be used exclusively for research and accessed only by the researchers involved in the project

4. I am 18 or older

Yes, I agree to participate

No, I don't agree to participate

Please, indicate your age?_____

What sex were you assigned at birth?_____

What is your gender identity?_____

What is your nationality?_____

What is your place of residence?

Urban Area

Rural Area

What is your highest completed level of education?

Less than highschool

High school graduate (or equivalent)

Some college (no degree yet)

Associate's Degree (including occupational or academic degrees)

Bachelor's Degree (BA, BS, AB, etc.)

Master's degree (MA, MS, MENG, MSW, etc)

Professional school degree (MD, DDC, JD, etc)

Doctorate degree (PhD, EdD, etc)

If you experience romantic attraction, which of the following groups are you romantically attracted to? Check all that apply

Men

Women

None of the above

Unsure

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

Please, answer accordingly

	1 Completely Disagree	2	3	4	5	6	7 Completely Agree
Do you consider yourself as sex-favourable? Do you have a favorable attitude toward (personally) engaging in sex, enjoys sex	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I lack interest in sex, but do not have a problem with the idea of having sex (I am sex indifferent)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I am repulsed by the idea of having sex (I am sex averse/repulsed)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Please, answer accordingly

	1 Completely Disagree	2	3	4	5	6	7 Completely Agree
Currently, are you sexually active?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I have been sexually active in the past?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Please, answer accordingly

	1 Completely Disagree	2	3	4	5	6	7 Completely Agree
Have you ever had romantic partners who were not asexual?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

For the following questions, the term "significant relationship" refers to an intimate relationship with another person besides family or close friends. To our purposes, significant relationships can include, but is not restricted to marriages, domestic partnerships, boyfriend, girlfriend, partner, etc

Please, answer accordingly

	1 Completely Disagree	2	3	4	5	6	7 Completely Agree
Have you ever had a significant relationship that can be considered romantic, i.e., a close and intimate non-sexual relationship based exclusively on affection (e.g., holding hands, kissing, etc.)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

To what extent would you like to be....

	1 Not at all	2	3	4	5	6	7 Always
In a significant romantic relationship with physical intimacy, including sex	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
In a significant romantic relationship with physical intimacy, but excluding sex	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

These questions ask about your experiences over your lifetime, rather than during a short period of time such as the past few weeks or months. Please answer the questions as honestly and as clearly as possible while keeping this in mind. In answering these questions, keep in mind a definition of sex or sexual activity that may include intercourse/penetration, caressing, and/or foreplay.

	1 Completely False	2	3	4	5	6	7 Completely True
I experience sexual attraction toward other people	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I lack interest in sexual activity	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I don't feel that that I fit the conventional categories of sexual orientation such as heterosexual, homosexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

(gay or lesbian), or bisexual							
The thought of sexual activity repulses me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I find myself experiencing sexual attraction toward another person	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I am confused by how much interest and time other people put into sexual relationships	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
The term “nonsexual” would be an accurate description of my sexuality	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I would be content if I never had sex again	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I would be relieved if I was told that I never had to engage in any sort of sexual activity again	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I go to great lengths to avoid situations where sex might be expected of me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
My ideal relationship would not	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

involve sexual activity							
Sex has no place in my life	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

These statements represent feelings that you may experience in a variety of situations in your life. The term “partner” refers to a significant partner whom you might choose to share your sexuality with (or with whom you would have a relationship with). Respond to the following statements by indicating the choice which best represents your attitudes.

	1 Strongly Disagree	2	3	4 Uncertain	5	6	7 Strongly Agree
I would not be afraid of becoming involved in a committed relationship at this point in time.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I would feel trapped if I was in a committed relationship at this time.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I am afraid to trust anyone in a sexual relationship at this time in my life.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I would worry that my partner would leave me if I did not do what she or he wanted me to do in bed.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
If my partner did not reach orgasm, I would feel like a failure.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I would worry that if I did not perform well sexually my	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

partner would look for someone else.							
--------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

To answer the next questions, we ask you to indicate how you would typically feel, in general, **towards a partner in a significant relationship**. Please keep in mind there is no right or wrong answers.

	1 Strongly Disagree	2	3	4	5	6	7 Strongly Agree
I find it relatively easy to get close to others.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm not very comfortable having to depend on other people	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm comfortable having others depend on me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I rarely worry about being abandoned by others.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I don't like people getting too close to me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm somewhat uncomfortable being too close to others.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I find it difficult to trust others completely.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm nervous whenever anyone gets too close to me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Assexualidade; Assexualidade em Indivíduos Românticos e Arromânticos

Others often want me to be more intimate than I feel comfortable being.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Others often are reluctant to get as close as I would like.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I often worry that my partner(s) don't really love me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I rarely worry about my partner(s) leaving me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I often want to merge completely with others, and this desire sometimes scares them away.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm confident others would never hurt me by suddenly ending our relationship	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I usually want more closeness and intimacy than others do.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
The thought of being left by others rarely enters my mind.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
I'm confident that my partner(s) love me just as much as I love them	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>